

O Portador da Luz Para os buscadores da Verdade

Lúci[®]fer

Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia – a fonte comum de todas as grandes religiões, filosofias e ciências do mundo

Use-o, ou perca-o

A Corrente Dourada
da Sabedoria

Quão vazio é o vazio?

Forçamos as pessoas
ao egoísmo?

Os fundamentos da
astrologia

Como criamos o
maravilhamento?

Identidade

Plantas domésticas



Ilustração da capa:

Jantar Mantar em Jaipur, Índia:
um observatório astronômico do
século XVIII.

**Interessado em nossas
palestras?**

assista-as em nosso canal
no YouTube:
[youtube.com/
@theosophicalsociety-tspl](https://youtube.com/@theosophicalsociety-tspl)

As três proposições fundamentais da Teosofia

Por mais abrangentes que sejam os ensinamentos teosóficos, eles se baseiam em três proposições fundamentais. Para uma compreensão adequada da Teosofia, é necessário considerá-las cuidadosamente.

A primeira proposição fundamental: Ilimitabilidade

*Um PRINCÍPIO Onipresente, Eterno, Sem Limites e Imutável sobre o qual toda especulação é impossível, pois transcende o poder da concepção humana e só poderia ser diminuído por qualquer expressão ou similitude humana. (...) Uma Realidade absoluta que antecede todo ser manifestado, condicionado.**

E, embora desconhecida, essa realidade absoluta é a base de toda a vida.

A segunda proposição fundamental: Ciclicidade

*A Eternidade do Universo in toto em sua totalidade como um plano sem limites; periodicamente 'o cenário de inúmeros Universos que se manifestam e desaparecem incessantemente', chamados de 'as estrelas que se manifestam' e as 'centelhas da Eternidade'.**

Todos os seres são 'centelhas da eternidade' imperecíveis, passando alternadamente por fases de vida ativa e descanso interior (sono ou morte), em um processo cíclico incessante.

A terceira proposição fundamental: A equivalência essencial de toda vida

*A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma Suprema Universal, sendo esta última, por sua vez, um aspecto da Raiz Desconhecida; e a peregrinação obrigatória de cada Alma - uma centelha da primeira - através do Ciclo de Encarnação (ou 'Necessidade') de acordo com a lei cíclica e kármica, durante todo o período.**

A mesma Vida Única flui através dos corações de tudo o que existe. Tudo está vivo. Não há matéria morta. Portanto, tudo é essencialmente igual. Tudo possui latente as mesmas faculdades que o todo maior do qual faz parte (Alma Suprema) e gradualmente desdobra essas faculdades inerentes, reincorporando-se constantemente (segunda proposição). Esse crescimento da consciência sempre ocorre em interação e é ilimitado (primeira proposição).

* Fonte: H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*. Volume I, p. 43-47 (paginação edição original).

Para mais explicações, consulte nosso website:
blavatskyhouse.org/about-us/what-is-theosophy/

Editorial

página 80

Use-o, ou perca-o

página 81

Use it or lose it [use-o ou perca-o] é um ditado inglês bem conhecido e frequentemente usado. Há muitos exemplos que confirmam esse ditado. Ele contém uma grande verdade e é muito mais profundo do que a maioria de nós imagina. Vamos examinar qual é o significado e o valor teosófico dele.

Herman C. Vermeulen

A Corrente Dourada da Sabedoria Quem revela o plano?

página 85

Esta é a tradução da palestra proferida por Claudia Bernard no simpósio alemão de 24 de setembro de 2024. A palestra mostra como podemos dar ao nosso compromisso e dedicação uma base sólida e sábia que vai muito além do nível emocional.

Claudia Bernard

Quão vazio é o vazio?

No budismo, o que significa o conceito de Śūnyatā?

página 92

Compreender os ensinamentos metafísicos do budismo requer uma mentalidade diferente do pensamento ocidental. Não devemos nos concentrar nas palavras, mas tentar alcançar a compreensão. Se tivermos sucesso, descobriremos que o conceito budista de Śūnyatā, o vazio, não é tão vazio assim.

Barend Voorham

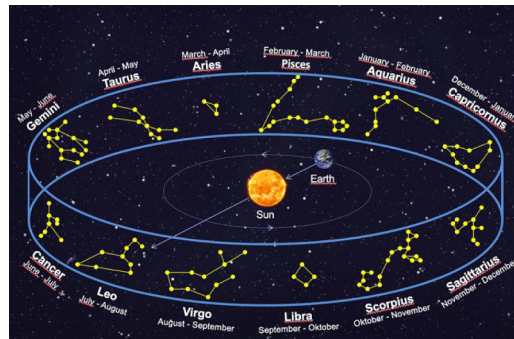
Forçamos as pessoas ao egoísmo?

Sim... mas deixe-me explicar por quê

página 99

As ideias comumente aceitas de 'luta pela existência diária' causam deficiências e sofrimento em todas as esferas da vida. Mas também podemos trabalhar juntos de forma a compartilhar nossas riquezas físicas, mentais e espirituais. Como podemos conseguir isso?

Herman C. Vermeulen



Os fundamentos da astrologia Pistas para entender a astrologia

página 103

Este artigo é o primeiro de uma série que explica a natureza e o valor da astrologia. A série é baseada nas palestras que Joop Smits deu sobre o assunto em janeiro de 2020.

Neste artigo, traçamos um panorama geral que será detalhado nos próximos artigos.

Neste primeiro artigo, discutimos a natureza da astrologia antiga, as várias razões pelas quais as pessoas se interessam pela astrologia, a relação entre astrologia e astronomia, os conceitos básicos necessários para compreender o funcionamento das influências cósmicas e o valor que a astrologia *pode ter*.

Grupo de estudo

Perguntas que as crianças fazem, parte 4

página 110

Como criamos o maravilhamento?

Astrid Kramer

Perguntas e respostas página 113

- » Identidade
- » Plantas domésticas
- » Expandir sua consciência

Agenda

página 115

- » ITC Conferência 2025
- » Livro Celebrando a Teosofia
- » Simpósio Sabedoria Universal

Editorial

Às vezes nos perguntam se as ideias metafísicas da Teosofia não estão distantes das realidades muitas vezes duras da vida cotidiana. Não seria melhor dedicar nossa atenção e energia às questões sociais, à enorme diferença entre ricos e pobres, às muitas guerras e ameaças de guerra, em vez de nos preocuparmos com considerações cósmicas?

Essa é uma pergunta válida. E aqueles que a fazem mostram que estão preocupados com o destino do mundo. Só podemos elogiá-los por isso.

No entanto, acreditamos que o envolvimento com os profundos ensinamentos da Teosofia pode realmente contribuir para um mundo mais harmonioso, *desde que* esses ensinamentos não sejam vistos como um brinquedo intelectual ou um passatempo agradável, mas como uma fonte de inspiração que, se nos concentrarmos nessas ideias e *as compreendermos*, permeia todo o nosso ser. Ela nos inspira, enobrece nosso pensamento e nos torna mais capazes de aplicar suas consequências éticas em todas as áreas da sociedade. Acreditamos que as pessoas são muito mais capazes de ser compassivas quando aprendem sobre as grandiosas leis do Cosmos.

É por isso que publicamos dois artigos que revelam um pouco da profundidade da Teosofia. Primeiro, há o artigo sobre *Śūnyatā*, o Vazio. Este conceito budista não é fácil de entender para os ocidentais, mas se refletir um pouco mais sobre ele – e isso leva mais tempo do que apenas ler o artigo – novas perspectivas se abrirão e você descobrirá que o Vazio não é tão vazio assim.

O segundo artigo trata da *Astrologia*. Não pense na ‘astrologia’ popular moderna, mas sim em uma faceta da Sabedoria Antiga que foi estudada em profundidade pelos sábios do passado. Este é o primeiro de uma série de artigos sobre Astrologia, nos quais os princípios básicos são explicados. Ao estudar a verdadeira Astrologia, ganhamos uma visão das magníficas relações e cooperação entre todas as partes vivas do Cosmos.

Como mencionado, devemos aplicar esses ensinamentos teosóficos. Se não os usarmos em nossas vidas diárias, murçaremos como flores que não recebem água. O artigo *Use ou perca* explica isso.

Como podemos viver nossa vida ideal é revelado em *A Corrente Dourada da Sabedoria*. O artigo é sobre ensinar e aprender, e mostra que cada um de nós pode ser tanto professor quanto aluno. Sempre podemos fazer algo pelos nossos semelhantes.

Informações extremamente úteis sobre como implementar a Teosofia podem ser encontradas no artigo *Forçamos as pessoas ao egoísmo? Sim... mas deixe-me explicar por quê*. Em nosso mundo, vemos enormes diferenças nas oportunidades de desenvolvimento entre as pessoas: espiritualmente, mentalmente e socialmente. Até que ponto nós – possivelmente inconscientemente – contribuímos para essa desigualdade? E qual é a chave para uma comunidade mundial *dinâmica e harmoniosa*?

Em nossa seção *Perguntas que as crianças fazem*, discutimos como podemos continuar a estimular o *maravilhamento* nas crianças — e em nós mesmos. Finalmente, em nossa seção de perguntas, respondemos a duas perguntas sobre plantas domésticas e as Proposições Fundamentais de Teosofia.

Acreditamos ter elaborado uma edição multifacetada da revista *Lúcifer*, que mostra diferentes facetas da Sabedoria-Religião. Esperamos ter deixado claro que a Teosofia contém, por um lado, uma sabedoria profunda, que vai muito além do conhecimento cotidiano, mas que também pode ser tão prática que qualquer pessoa de boa vontade pode aplicá-la.

Como sempre, agradecemos suas perguntas e comentários. Eles podem nos ajudar a divulgar ainda mais as ideias teosóficas.



Use it or lose it, **use-o, ou perca-o**

Pensamentos-chave

» Use-o ou perca-o, uma expressão popular em inglês, contém uma sabedoria profunda.

» Isso se aplica a todas as áreas — desde nossas habilidades físicas até cálculos matemáticos e nossos pensamentos mais profundos.

» Toda consciência, todo ser humano, tem uma cooperação dinâmica com uma legião de outras consciências de qualidades variadas. Só assim podemos nos expressar, nos manifestar, nos muitos reinos do cosmos.

» Assim, formamos relações dinâmicas com seres mais espirituais e menos espirituais. Nossa cooperação com eles é contínua: não pode ser parada ou interrompida

» Perdemos relações com seres superiores e inferiores e construímos outras: não por acaso, mas pela mudança de caráter que induzimos em nós mesmos, levando a mudanças na atração. É importante que percebamos isso.

Use ou perca, é um ditado popular e amplamente utilizado em inglês. Muitos exemplos podem ser dados para confirmar esse ditado. A maioria de nós também consegue perceber a sabedoria contida nessa afirmação. Ela contém uma grande dose de verdade. Mas se esse ditado é usado corretamente ou não na prática é uma questão muito mais profunda do que pensamos. Vamos ver qual é o seu valor teosófico. Vamos ver se conseguimos aprofundar esse assunto.

Treinar ou deixar ir na prática

Esta expressão é frequentemente utilizada quando se fala do nosso corpo físico, de reabilitação, treino, etc. A sua veracidade é facilmente comprovada por todos. Todo atleta sabe que precisa treinar intensamente, usar com persistência as características que o tornam um bom candidato a vencedor. É claro que essa sabedoria também pode ser usada para nos livrarmos de coisas, para nos desapegarmos de algo, embora 'desapegar-se de algo' seja muitas vezes muito mais difícil do que pensamos à primeira vista. Pode haver todo tipo de razões pelas quais não conseguimos nos desligar completamente disso, no final. Para afirmar que essa expressão se aplica a *todas* as áreas — desde nossas habilidades físicas até cálculos matemáticos complexos e pensamentos

profundos, etc. — precisamos de uma explicação mais teosófica. Para substantiar isso e mostrar sua sabedoria mais profunda, precisamos dar alguns passos.

Pontos de partida

Na Teosofia, existem três pontos de partida, três princípios fundamentais, também chamados de proposições, nos quais toda a Teosofia se baseia. Estas são as três proposições bem conhecidas de *A Doutrina Secreta*, de H.P. Blavatsky. Precisamos dessas proposições (elas podem ser encontradas na contracapa desta revista).

A primeira proposição tem as seguintes características básicas: infinitude, unidade, conexão inseparável, cooperação contínua. Isso implica que nada pode existir isoladamente, separado de tudo o mais. Toda consciência, todo ser, tem uma cooperação dinâmica com uma legião de outras consciências de qualidades variadas. Só assim podemos nos expressar, nos manifestar, nos muitos reinos do cosmos, como o reino físico. Só assim podemos, vida após vida, ganhar experiência ciclicamente, aprender e, portanto, crescer em nossas habilidades. Somente através da nossa cooperação com outros seres podemos nos tornar mais sábios e, assim, expressar cada vez mais nossas qualidades espirituais superiores de consciência.

Emanação

Esse processo cíclico de cooperação (que, se aprendemos, se repete em níveis cada vez mais elevados de consciência), essa força atrativa e vinculativa através da qual essa cooperação pode ocorrer, é o que chamamos de *emanação*.

Esse termo deve ser lembrado por um momento. Toda consciência irradia uma força, emite radiação. Chamamos esse processo de irradiação de *emanação*. Essa palavra vem do latim ‘emanatus’, que consiste em ‘e’ (que significa ‘para fora’) e ‘manare’ (fluir). Emitir fluxos de energias, de luz e vida a partir de uma fonte como o sol, um ser humano ou um deus, é um ato de *emanação*. Como nós, na Teosofia, assumimos que tudo é fundamentalmente consciência, você também pode ver essas energias emitidas como fluxos de consciências em vários estágios de desenvolvimento, entrando em cooperação com o ser fonte. Em resumo, a *emanação* é um fluxo, um fluxo invisível, uma *emanação* de seres conscientes, de energia espiritual. Essa força ou energia emanada sempre tem a característica de sua fonte. Outras consciências – seres de diferentes qualidades – são atraídas pela característica especial dessa energia emanada. É assim que construímos uma cooperação com elas. Portanto, todas essas consciências atraídas têm uma afinidade conosco, de acordo com nosso caráter, e trabalham conosco por um período mais curto ou mais longo..

Conectividade inseparável

A primeira proposição nos dá a imagem da infinitude, mas também o princípio de que tudo é um. Todo ser é,



Dependendo do nosso caráter e dos nossos interesses, criamos atrações magnéticas em relação a determinados seres, o que resulta em vários tipos de cooperação. Se não mantivermos ou reforçarmos esses interesses, essas relações enfraquecem ou terminam. E se enobrecermos o nosso caráter, inspiramos os outros seres a enobrecerem também a sua consciência. Então, crescem “juntos” ...

portanto, parte inseparável dele. Podemos imaginar um ser como incorporado nessa infinitude, mas como uma espécie de spin-off ou vórtice, que Blavatsky, na segunda proposição, chama de ‘centelha da eternidade’, uma mônada. Já dissemos: com base no princípio da unidade, todos os seres estão inseparavelmente conectados uns aos outros e, portanto, temos colaborações com muitos outros seres, superiores e inferiores a nós em consciência.

Todos esses seres cooperantes formam, por assim dizer, uma série ‘do alto para o baixo’, na qual nós mesmos somos o elo ‘mais baixo’ de uma série de consciências superiores a nós mesmos e, simultaneamente, somos ‘o topo’ de uma série de seres inferiores a nós mesmos. Essa cooperação é dinâmica: ascendente (mais espiritual) e descendente (menos espiritual). Nossa cooperação com eles é contínua: não pode ser parada ou interrompida. Tanto durante nossos períodos de sono e vigília, quanto durante a morte, a parte mais importante desses seres cooperantes permanece sempre conectada entre si, inspirado pelo mais elevado e eterno em nós.

Essa ideia de unidade, a conexão inseparável de tudo com tudo, também é um fato na vida cotidiana, embora nem sempre seja reconhecível ou se manifeste. Essa conexão é muito mais frequentemente percebida de forma negativa do que positiva. A forma como a percebemos é uma questão do foco do nosso pensamento. Se esquecemos ou ignoramos a unidade, ainda temos muitas lições a aprender. No entanto, também podemos aprender de uma forma exclusivamente positiva. É assim que deve ser, na verdade. Não temos de cometer erros. Temos a capacidade de pensar e, através dessa capacidade, podemos refletir sobre situações, problemas emergentes e conceber e elaborar soluções compassivas.

Cooperação com seres superiores e inferiores

Esta imagem mostra rapidamente que temos uma cooperação contínua com os seres ‘acima’ de nós, que são mais desenvolvidos do que nós, mas também uma cooperação com os seres que são ‘inferiores’ a nós. Tenha em mente que não podemos perceber diretamente os seres que estão muito acima de nós, mas também não os seres que estão muito abaixo de nós.

Este grupo superior de seres, que são menos materializados, desempenha um papel igualmente importante para nós do que os seres inferiores. Podemos receber a sua influência inspiradora se concentrarmos o nosso pensamento na *sua* frequência. Começamos a interagir com eles se concentrarmos nossa mente em pensamentos de qualidade superior,

que contêm o núcleo da Fraternidade Universal e têm a característica da universalidade: que nos elevam acima do que somos agora em geral. Consciente ou inconscientemente, construímos então uma cooperação cada vez mais forte com esses seres humanos mais avançados.

Vejamos como essa cooperação com seres superiores e inferiores ocorre. Primeiro, observamos as influências dos reinos inferiores. Com isso, quero dizer todos aqueles seres de que precisamos para construir um veículo, para construir nosso corpo físico, através do qual podemos viver e nos mover neste mundo exterior. Atraímos esses seres inferiores de acordo com nosso caráter. E construímos nosso caráter ao longo de muitas vidas, em um processo dinâmico. Nossa cooperação atual com esses seres inferiores é, portanto, algo que desenvolvemos ao longo de muitos milhares de anos. Portanto, não precisamos prestar atenção em quais células precisam ser substituídas e quando precisamos respirar durante o dia: esses processos se tornaram semiautomáticos; nossa cooperação segue padrões harmoniosamente adquiridos.

Se continuarmos a desenvolver as qualidades superiores do nosso ser humano, o que também é desejável, e desenvolver cada vez melhor nossas qualidades universais, então, ao mesmo tempo, nossa influência e, portanto, nossa atração pelas áreas inferiores também mudarão. Se eu agora assumir o caso positivo de que nos tornamos gradualmente um ser humano melhor, então vemos um processo dinâmico ocorrendo: deixamos ir o que não nos interessa mais – porque não *alimentamos* mais a força de ligação – e desenvolvemos uma nova atração pelo que queremos nos tornar, que então atraímos.

É um processo gradual que sempre continua, mesmo que não pensemos nisso, mesmo que não estejamos ativamente conscientes disso. Perdemos relacionamentos e construímos outros: não por acaso, mas pela mudança de caráter que induzimos em nós mesmos, pela mudança na atração. Devemos perceber que esse processo ocorre continuamente, consciente ou inconscientemente, e que, embora meus exemplos sejam direcionados diretamente a nós, seres humanos, essa lei dinâmica da cooperação se aplica a todos os reinos. A cooperação sempre precisa de manutenção: atenção, atração.

Use o conhecimento teosófico (para o benefício de todos) ou perca-o

Um exemplo muito inspirador disso vem dos primeiros dias da organização teosófica, por volta de 1881. Esse exemplo pode ser encontrado em uma das muitas cartas

que foram trocadas naquela época entre os teósofos que estavam ativos na criação de atividades teosóficas e os Instrutores de Madame Blavatsky, os Mestres. Essas cartas estão repletas de instruções éticas e morais. Aqui também encontramos alguns aspectos importantes onde se aplica o princípio de *use it or lose it*.

A carta em questão é a de 5 de agosto de 1881 do Mestre Koot Hoomi dirigida a A.P. Sinnett, editor-chefe de *The Pioneer*, um importante jornal da Índia naquela época. Sinnett era muito ativo na Sociedade Teosófica, na divulgação da Teosofia na Índia e na Inglaterra. Ele escreveu muitos artigos e, naquela época, estava escrevendo um livro (*Esoteric Buddhism*, publicado em 1883), um livro sobre os princípios e ensinamentos teosóficos – ensinamentos que ele recebeu passo a passo do Mestre. Era um grande desafio traduzir esses pensamentos filosóficos orientais profundos para o mundo ocidental, onde muitas vezes não existem palavras para esses conceitos orientais. Sinnett, portanto, frequentemente fazia muitas perguntas ao Mestre, a fim de aprofundar seus conhecimentos e completar seu livro. A uma carta de Sinnett contendo um grande número de perguntas, o Mestre dá a seguinte resposta.⁽¹⁾ Sua resposta começa assim: ...

... De qualquer forma, a sede de conhecimento nunca foi considerada um pecado e você sempre me encontrará pronto para responder a essas perguntas – que podem ser respondidas. ...

Em seguida, segue-se uma observação geral sobre como receber e assimilar as respostas do Mestre. É um incentivo para fazer algo com o conhecimento transmitido, pois ele não se destina ao uso exclusivo de uma única pessoa:

...Certamente, sou da opinião de que, uma vez que nossa correspondência foi estabelecida para o bem de muitos, ela seria de pouca utilidade para o mundo em geral, a menos que você reformule os ensinamentos e as ideias nela contidos “na forma de um ensaio”, não apenas sobre a visão filosófica oculta da criação, mas sobre todas as outras questões. ...

Algumas reflexões importantes emergem dessas citações:

- a. Os Mestres trabalham para o bem da humanidade e não para um indivíduo, a menos que o indivíduo, por sua vez, trabalhe para a humanidade.
- b. Os dados devem ser trabalhados, colocados a serviço do bem comum dessa humanidade.



Se tocares numa orquestra, tens de manter o teu instrumento constantemente afinado com todos os outros instrumentos. Se o negligenciarem, muito em breve deixarão de ser bem-vindos. Podem aplicar isto a todos os vossos compromissos na vida.

Sinnett é lembrado da responsabilidade de receber o conhecimento teosófico: um conhecimento que não é destinado apenas a ele como indivíduo, pois é de grande importância para a humanidade. Daí a obrigação resultante de transmiti-lo. Um conhecimento que não deve ser visto como uma teoria interessante, mas como um conhecimento que, se levado a sério, pode poupar muitos problemas à humanidade.

O que os Mestres estão realmente expressando a Sinnett é: somente quando você perceber e viver de acordo com essa responsabilidade, a cooperação entre nós e você poderá ser mantida, porque então haverá uma atração mútua. Então, o fluxo de inspiração continuará a fluir da Hierarquia da Compaixão.

Sempre aplicável em todas as áreas

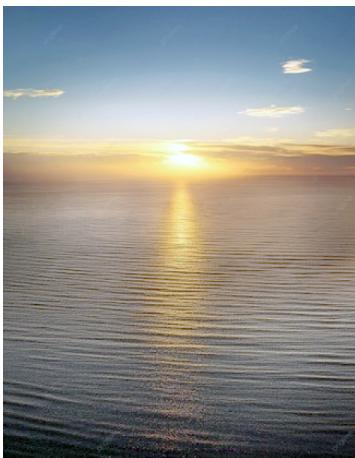
Vemos que *use it or lose it* mostra um processo importante na sociedade, que explica por que perdemos tudo aquilo em que não temos mais interesse e o que precisamos fazer para construir algo novo.

A sabedoria dessa afirmação é que, se não mantivermos e usarmos algo, vamos perdê-lo, porque a cooperação com ele se perde. Essa sabedoria é muito mais profunda do que pensamos. Ela mostra um quadro de uma infinidade

de cooperações que estão constantemente em movimento, em constante mudança. A escolha é nossa.

Referencia

1. Há duas edições principais das cartas dos Mestres. Uma é *The Mahatma Letters to A.P. Sinnett* (Cartas dos Mahatmas para A.P. Sinnett) em sequência cronológica. Quezon City, Philippines, Theosophical Publishing House, 1993, Carta no. 20, p. 70. [Há uma tradução em português: *Cartas dos Mahatmas Para A.P. Sinnett*, Editora Teosófica, Brasília-DF.] Outra edição é o conhecido *The Mahatma Letters to A.P. Sinnett*. Segunda edição revisada. Pasadena, California, Theosophical University Press, 2021, carta no. 49, p. 280. Veja também: [https://theosophy.wiki/en/The_Mahatma_Letters_to_A._P._Sinnett_\(book\)](https://theosophy.wiki/en/The_Mahatma_Letters_to_A._P._Sinnett_(book)).



Pensamentos-chave

» Aprender é, em certo sentido: *lembrar-se* das imagens primordiais de tudo o que existe.

» Seres mais desenvolvidos do que nós formam a Hierarquia da Compaixão, também chamada de ‘Corrente Dourada da Sabedoria’.

» Esses seres mais desenvolvidos não estão separados de nós. Eles são nossos Egos Superiores.

» Cada um de nós, se desejarmos, pode se tornar um professor para nossos semelhantes.

» Tanto o professor espiritual quanto o aluno têm uma grande responsabilidade.

» Vamos colocar nossos pés no Caminho, para alcançar o nível mais baixo da Hierarquia da Compaixão. É assim que o plano divino se desenrola, é assim que podemos contribuir para ele.

A Corrente Dourada da Sabedoria

Quem revela o plano?

A seguir, apresentamos a tradução de uma palestra em alemão de Claudia Bernard. Sua palestra fez parte do simpósio anual da nossa Seção Alemã, realizado em 24 de setembro de 2024.⁽¹⁾ O tema deste simpósio foi ‘A combinação mística de liderança, sabedoria e compromisso pessoal’. E esta palestra teve como objetivo mostrar como podemos dar ao nosso próprio compromisso e dedicação uma base forte e sábia, que se eleva muito acima do nível emocional de ‘querer ajudar, mas não ser capaz’. Claudia reduz informações difíceis e complicadas ao seu núcleo espiritual simples, diretamente compreensível pelo coração de qualquer pessoa. Uma grande ajuda para todos que estão aprendendo sobre isso pela primeira vez. Mas também para qualquer pessoa que ainda tenha dificuldade em inspirar outras com essas ideias. [Editor]

1. Aprender com sabedoria, alunos sábios

Nós, seres humanos, possuímos uma capacidade mágica: queremos saber, queremos aprender, queremos compreender o mundo. Reconhecemos isso mesmo em crianças muito pequenas: elas tocam em tudo, colocam tudo na boca; querem compreender. Quando ficam um pouco mais velhas, fazem mil perguntas: Por que uma árvore perde todas as folhas no outono? Por que a lua não cai? Para onde vai o vovô quando morre? Onde eu estava antes de vir para você? Você já se perguntou de onde vem esse desejo de ‘querer saber e aprender’ e o que ele significa?

O que é aprender?

Uma coisa: não estamos falando aqui de aprender de cor, como fazíamos na

escola, ou aprender a tocar piano. Quando falamos de aprender nesta palestra, queremos dizer aprender a desenvolver habilidades latentes, refinar nosso caráter, ganhar mais sabedoria, reconhecer mais da verdade. Tomamos muitas decisões em nossas vidas e temos muitas experiências. Algumas agradáveis, outras neutras e outras amargas. Se não estamos vivendo uma vida superficial e egocêntrica, é provável que reflitamos sobre as experiências que tivemos, pensemos sobre elas e as processemos. Dependendo de como fazemos isso, moldamos nosso pensamento e, portanto, nossas ações futuras. Isso é aprender.

Um exemplo: alguém é eleito para o conselho consultivo dos pais porque quase não há voluntários. Então, os pais que não se voluntariam reclamam

das decisões do conselho. Essa experiência pode ser percebida como bastante negativa.

Então, uma reação pode ser: ‘Que pessoas ingratas. Deixem que eles resolvam sozinhos. Vou renunciar ao meu cargo.’ Isso pode até levar ao pensamento: ‘Não vou mais me comprometer com os outros.’ Outra maneira de lidar com a experiência pode ser a seguinte: ‘Os pais não estão satisfeitos. O que podemos fazer melhor para evitar isso? Talvez devêssemos envolvê-los. Podemos perguntar o que os incomoda e, então, possivelmente fazer isso de uma maneira diferente. Talvez consigamos motivá-los a participar ativamente.’

Aqui vemos duas maneiras diferentes de lidar com uma experiência negativa. Podemos considerar ambas as respostas como aprendizado. Um decidiu por si mesmo que não quer mais se envolver com os outros; o outro está treinando sua capacidade de cooperar.

Aprender significa processar experiências, internalizá-las da maneira certa e, assim, construir maneiras futuras de pensar.

Por que algumas pessoas pensam em conclusões negativas e outras em conclusões positivas? Depende dos nossos padrões de pensamento. Nós mesmos formamos esses padrões de pensamento. Somos, por assim dizer, os designers dos nossos padrões de pensamento. Nós viemos ao mundo com os padrões de pensamento que formamos em inúmeras vidas passadas e continuamos a formá-los todos os dias, a cada segundo (detalhes são fornecidos no curso Sabedoria Universal). Criamos um caminho de pensamento com o nosso pensamento. E quanto mais seguimos esse caminho, mais largo e mais trilhado ele se torna. Portanto, quanto mais seguimos certos caminhos de pensamento, mais fácil é para nós entrarmos nesses caminhos pré-formados.

Se tendemos a nos ofender facilmente, nos magoar pessoalmente ou ficar com raiva, rapidamente apontaremos outras pessoas como a causa desses sentimentos negativos. Mas isso nos ajuda em nosso relacionamento com os outros? Isso melhora nosso caráter?

Se conseguirmos perdoar verdadeiramente, se formos empáticos e compassivos, se também conseguirmos ver a trave

em nosso próprio olho, então é mais provável que procuremos o que podemos aprender com uma situação específica. Então, pensaremos sobre isso e encontraremos uma ideia universal para ‘Da próxima vez, farei melhor’.

As pessoas têm tanto potencial latente e não desenvolvido que podem revelá-lo pouco a pouco se se concentrarem no supra-pessoal. Podem ativar as suas capacidades inerentes e depois utilizá-las ativamente. Isto é *evolução*: desenvolver faculdades que estão dentro de nós. Mas só podemos fazer isso se começarmos realmente a pensar supra-pessoalmente. Em outras palavras, abrangendo tudo, não apenas a mim mesmo, não apenas a mim e ao que é meu, não apenas a mim e à minha aldeia, a mim e ao meu país, mas a todos. Mesmo aqueles que são estranhos ou antipáticos para mim.

Uma criança traz consigo a curiosidade pela vida. O caminho real da *educação*, da *formação*, significa conduzir essas faculdades internas e passivas para o exterior. Ativá-las para o benefício de todos.*

Resumindo: tomamos muitas decisões em nossas vidas, temos experiências, refletimos sobre elas e tiramos conclusões para nossos pensamentos e ações. Aprendemos espiritualmente quando, ao tirar nossas conclusões, pensamos supra-pessoalmente, e não em nosso pequeno ‘eu’: nossa personalidade, o papel que desempenhamos nesta encarnação.

Como aprendemos?

Podemos aprender através de nossas próprias percepções, mas também através de exemplos, por exemplo, através das experiências dos outros. Ganhamos experiência lidando com outras pessoas, lidando com diferentes personalidades, através da interação. Precisamos uns dos outros para aprender.

O que aconteceria se todos pensassem, falassem e agissem exatamente como eu? O que aconteceria se tudo fosse como eu imaginei? Eu poderia crescer então? Dificilmente! Como estamos todos interligados, não há pensamento, palavra ou ação que não tenha um efeito em toda a vida universal. Imagine que seus pensamentos, palavras e ações são energias ligadas a você por um elástico invisível. Você envia essas energias para o universo, elas tocam outras pessoas, influenciam-nas, têm um efeito sobre elas, mas o

*Como Platão explica em seu diálogo *Mênon*: todo aprendizado é reconhecer novamente o que a alma imortal já viu antes no Kosmos das Ideias – as imagens primordiais de tudo o que existe – antes de entrar no corpo de um ser humano mortal.⁽²⁾

Em *A República*, Platão diz: ‘... A educação não é aquilo que alguns anunciam ser; pois eles dizem, de alguma forma, que enquanto não houver ciência na alma, eles a inserirão, como se estivessem inserindo a visão em olhos cegos.’ ... ‘Mas o nosso raciocínio atual ... mostra agora que esse poder [de aprender] está na alma de cada um, e que o órgão pelo qual cada um aprende ... deve, da mesma forma, com toda a alma, ser voltado ... para suportar a contemplação do próprio *Ser* e do mais esplêndido do ser; ...’ [‘A educação é] ... a arte de sua conversão, de que maneira ele deve, com maior facilidade e vantagem, ser voltado. Não para implantar nele o poder de ver, mas considerando-o como possuidor dele...’].⁽³⁾

elástico sempre traz seus pensamentos, palavras e ações de volta para você. Somos como um semeador que semeia pensamentos e colhe resultados. E nossa própria colheita, que por sua vez volta para nós, é nossa melhor professora. Não seria um ritual útil olhar para a colheita, a colheita de nossos pensamentos, palavras e ações que voltam para nós? Um ritual para refletir sobre essa colheita e tirar conclusões positivas dela? À noite, antes de dormir, olhe para o dia que passou: ‘O que aconteceu? Por que algo aconteceu de determinada maneira? O que houve de bom? Poderia ter sido melhor? O que *eu* poderia ter feito melhor?’ Nossos pensamentos, palavras e ações estavam concentrados em nós mesmos, ou seja, eram *pessoais*, ou eram *suprapessoais*, porque incluíam todos e não nos perguntávamos ‘o que eu ganho com isso, o que *eu* recebo em troca?’ Quais foram os meus motivos? Tomei decisões de acordo com a minha *consciência* ou deixei-me persuadir pelo diabinho da personalidade que está no meu ombro e que diz: ‘Não é assim tão mau, toda a gente o faz, ninguém vai notar, tenho direito a isso, certo?’ Quando temos esses pensamentos, sabemos que agimos contra a nossa consciência. E outro ritual para a manhã seguinte, ao acordar: pergunte a si mesmo: ‘O que eu resolvo fazer hoje? O que eu quero fazer melhor?’ Sempre cometeremos erros. Não deixe que isso o desanime. Se você perceber esses erros, já está um passo à frente, e se não deixar que eles o façam se sentir pequeno, você está dois passos à frente. Apenas tente fazer melhor. Não se arrependa de nada, porque o arrependimento amarra seu pensamento ao fracasso.

Qual é a maneira sábia de aprender?

Ao refletir sobre nossas experiências e aventuras, é aconselhável adotar uma atitude aberta e imparcial. Faça isso em paz, em silêncio. Tente olhar para essas coisas como um amigo neutro e sábio. Você consegue perceber sua voz interior?

Não caia na auto-exaltação ou no oposto, a autoflagelação. Olhe com calma para as coisas que você viveu. O que você pode aprender com sua colheita? Que traço de caráter você pode enobrecer? Pratique a virtude da equanimidade e da paciência; perdoe intensamente e de verdade; reflita intensamente sobre como colocar a generosidade em prática (e com isso não se quer dizer derramar apenas bens materiais sobre os outros, mas como você dá generosamente

um sorriso, uma palavra de encorajamento, conforto e confiança aos outros).

Você tem curiosidade por outros pontos de vista ou se apega às suas velhas visões e opiniões? Você permanece curioso, perguntando a si mesmo: o que posso aprender, como posso enobrecer meu caráter para o benefício de todos?

2. Instrutores sábios

Aprender é mais fácil quando temos um professor ao nosso lado. Alguém que nos mostra o caminho, mas não o percorre por nós. Porque crescer, desenvolver suas habilidades latentes, só pode ser feito por você mesmo. Ninguém pode fazer isso por nós. Todo o nosso universo está cheio de forças espirituais que sempre nos cercam, que são nossos ajudantes por compaixão por nós, pessoas de níveis inferiores de consciência, que estão vagando e buscando. Elas não nos ajudam a resolver nossos problemas pessoais, egoístas e inferiores. Elas só nos ajudam se buscarmos elevar a nós mesmos espiritualmente e intelectualmente ao nível delas, para que nós mesmos possamos, por nossa vez, nos tornar ajudantes da humanidade.

Essas forças sempre estiveram lá e sempre estarão lá. Sua parceria tem sido chamada de ‘Hierarquia da Compaixão’ desde tempos imemoriais. Gottfried de Purucker diz:

Assim, nós, teósofos, temos algo muito mais belo e nobre [...] algo incomparavelmente mais próximo de nossos corações e almas humanos, algo maravilhosamente belo, gentil, compassivo, sempre ouvindo, sempre ajudando: a Fraternidade da Compaixão e da Sabedoria.⁽⁴⁾

Mas quem ou o que é essa Hierarquia da Compaixão e Sabedoria? São seres muito acima do ser humano médio em desenvolvimento: Mahātmas, anjos, arcanjos, semideuses, deuses, Bodhisattvas, Buddhas, Dhyāni-Chohans.* Não importa o nome que se lhes dê.

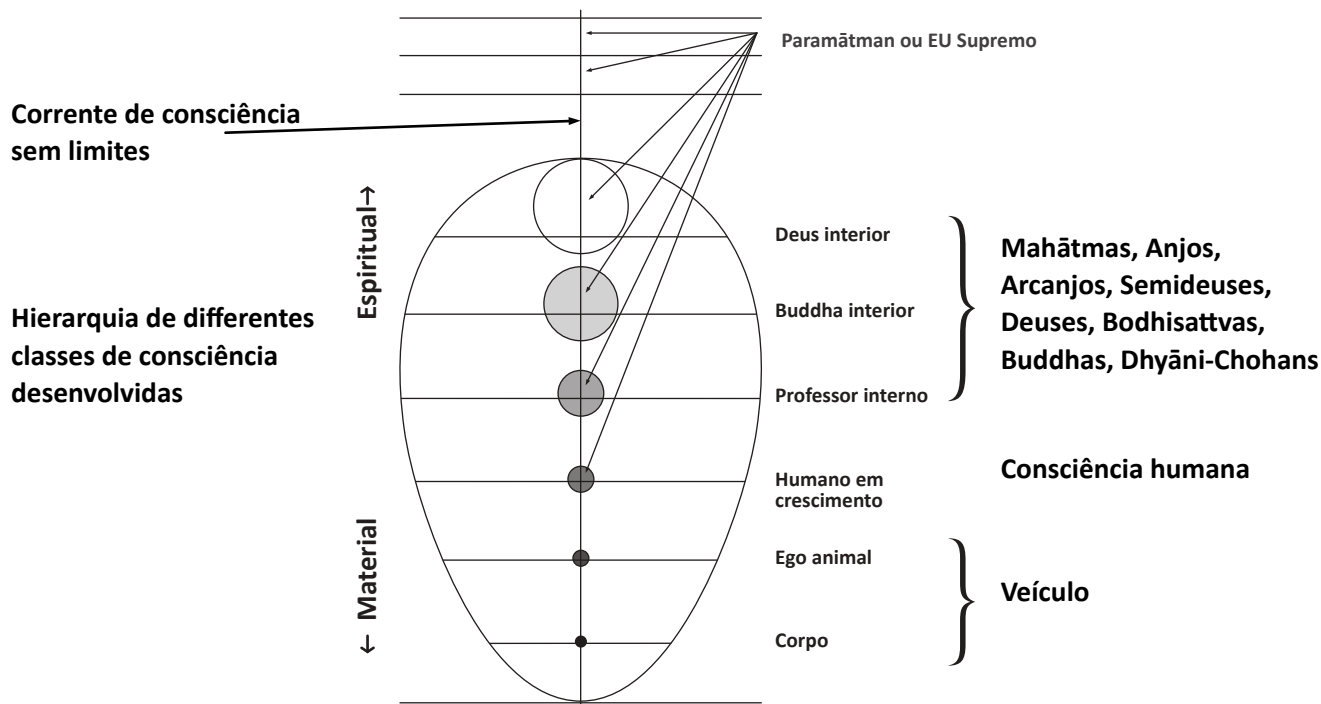
Eles já desenvolveram muito mais faculdades do que nós, pessoas comuns. Eles veem mais da verdade do que nós, pessoas comuns. Eles são mais sábios, mais compassivos do que nós.

Esses seres formam uma hierarquia, cada um em seu próprio nível de desenvolvimento. Nós também os chamamos de Cadeia Dourada da Sabedoria.

É muito importante compreender que esses seres mais evoluídos não estão separados de nós. Eles são nossos Eus [Selves] Superiores (plural!). Somos parte de um fluxo de consciência, enraizado no Infinito e, através de vários níveis de consciência, alcançando cada vez mais profundidades

* Dhyāni-Chohans significa ‘Senhores da meditação na sabedoria’.

Hierarquia da Compaixão



materiais (linha vertical no diagrama desta página). Juntos, formamos uma hierarquia da vida. E juntos somos um ser distinto, um organismo (no diagrama: contorno em forma de ovo ao redor das classes de consciência), que por sua vez é parte de um ser muito maior. Várias Consciências avançadas compõem este fluxo de consciência. Para compreender um pouco melhor este fluxo de consciência, vamos primeiro olhar para a nossa posição nessa hierarquia e como tudo coopera.

O ser humano em crescimento

Como nós, seres humanos, estamos interligados com classes de consciência acima de nós e classes de consciência abaixo de nós, podemos dizer que o ser humano é um ser composto.

Somos uma manifestação do Infinito, uma consciência com todas as habilidades do TODO Infinito. Somos uma energia-espírito-consciência. E essa consciência está conectada em uma cadeia infinita com classes de consciência mais desenvolvidas e classes de consciência menos desenvolvidas. Não somos 'apenas humanos', nem somos a 'coroa da criação'. Somos um elo numa cadeia sem fim. Atualmente, a nossa *consciência humana* atingiu o estágio de desenvolvimento do '*pensamento*'.* É nossa tarefa,

como seres humanos em crescimento, desenvolver todas as possibilidades da mente: desde o foco inferior do pensamento no corpo material, nas emoções, atividades e desejos, passando pelo intelecto puro, até aos aspectos superiores do pensamento, como a 'intuição' e a 'inspiração'.

No entanto, não podemos desenvolver nossa consciência humana se não tivermos um *corpo material* que nos forneça um veículo adequado para ganhar experiência nesta Terra. Como explicado anteriormente, só podemos aprender se ganharmos experiências e refletirmos sobre elas. Mas como poderíamos ganhar experiências se fôssemos uma consciência energética etérica pura? Não seríamos capazes de nos desenvolver. Isso só é possível tendo experiências e aprendendo com elas. Temos que aprender de forma independente a distinguir o certo do errado. Temos que aprender interagindo com outras pessoas. Temos que aprender a viver em harmonia com a natureza, com as leis da natureza. E isso simplesmente não é possível sem um veículo físico.

Nosso universo, toda a natureza, é baseado na harmonia. Nós, seres humanos pequenos e temperamentais, causamos desarmonia no universo com nossas emoções desenfreadas e nossa busca gananciosa pela satisfação dos desejos. Como todos os nossos pensamentos, palavras e ações têm um feedback sobre nós, temos a oportunidade

* Os animais, por outro lado, desenvolvem uma consciência instintiva. Eles estão abaixo dos humanos na escala evolutiva.

de aprender e nos desenvolver. É por isso que nosso nível de consciência é chamado de ‘ser humano em crescimento’. O alcance da nossa consciência neste nível inclui todo o ser vivo Terra, do qual o globo azul físico é apenas o veículo que é perceptível para nós.

O instrutor interior

Assim como nossa consciência mental está intimamente ligada ao nosso corpo material, ela também está ligada à Hierarquia da Compaixão, às *consciências mais evoluídas*. Que pensamento sublime é saber que somos filhos de consciências mais evoluídas. Temos as mesmas habilidades que elas. Apenas ainda não as desenvolvemos. Ainda estamos muito presos ao material com os nossos pensamentos, consideramos as impressões sensoriais como a verdade última e, por isso, todos nos vemos separados uns dos outros. Eu e os meus parentes aqui — vocês aí.

Mas, como estamos intimamente interligados com classes superiores de consciência, sim, como nós *somos* eles, podemos receber ajuda ‘de cima’.

O primeiro nível acima do ‘ser humano em crescimento’ é o *instrutor interior*. A influência do nosso instrutor interior é a nossa consciência. A nossa consciência é a nossa própria ‘herança da verdade espiritual’. A sabedoria e a verdade que aprendemos em inúmeras reencarnações, podemos ‘convocá-las’, por assim dizer. Você pode pegar na sua própria herança e usá-la quando tiver de tomar decisões importantes(!). Devo fazê-lo ou não devo fazê-lo?

O significado da palavra consciência vem do grego *syneidēsis*, que significa ‘trocar juntos’. Quem está se comunicando com quem aqui? Isso é óbvio: é o ser humano em crescimento, trocando ideias com seu instrutor interior.

Interpretamos essa influência do nosso instrutor interior como uma voz. É por isso que também falamos da ‘voz da nossa consciência’. Como Johanna Vermeulen explicou em sua esplêndida palestra “Três sinais na busca por Si Mesmo”⁽⁵⁾, quando temos que tomar decisões importantes, a ‘voz’ inferior da nossa personalidade é particularmente dominante. Ela ‘tagarela’ continuamente. E isso pode se sobrepor à ‘voz’ tranquila da nossa consciência. O conselho de Johanna era: não tente silenciar a voz da personalidade. Isso não vai funcionar, porque essa tentativa só a alimenta. É melhor simplesmente *levá-la conosco*: ‘Venha, vamos ficar em silêncio juntos e ouvir o que nossa consciência tem a nos dizer’.

E então podemos ouvir essa voz da consciência. À pergunta

binária ‘Devo fazer ou não fazer?’, obtemos a resposta binária da nossa consciência: sim ou não. Experimente! Ouvir a sua própria consciência significa experimentar a felicidade. O termo grego *eudaimonia* refere-se a um estilo de vida bem-sucedido, descrito como um sentimento de felicidade ou bem-aventurança. O termo é composto por *eu* = bom e *daimon* = espírito, instrutor interior. Aqueles que repetidamente não ouvem sua consciência entram em uma espiral descendente. O homem sente um vazio interior, uma decepção espiritual em si mesmo e, então, tenta camuflar esse vazio interior usando substâncias intoxicantes, como álcool ou drogas, ou fugindo para vícios que o distraem (por exemplo, jogos de azar). Se ele teimosamente continuar a fechar os ouvidos à voz da sua consciência, isso acabará por levá-lo ao desespero puro, porque ele tornou mais tênue e mais fraca a ligação interior com o seu próprio instrutor interior.

O Buddha interior

Acima do instrutor interior está a classe de consciência do Buddha interior. ‘*Budh*’ vem do sânscrito e significa ‘despertar’, ‘iluminar’.

Este alto nível de consciência abrange o ser vivo Sol, do qual o sistema solar – o sol e os planetas visíveis para nós – é apenas o veículo externo. Se conseguirmos alcançar este nível com a nossa consciência, poderemos ver conexões mais profundas que antes estavam ocultas para nós. Enquanto acabamos de falar da consciência como uma ‘voz’, as pessoas descrevem esta nova experiência como ‘ver algo’. Vemos a alma das coisas, o mais íntimo, a grande coerência. Podemos dar uma olhada por trás do véu e reconhecer um pouco mais da verdade. ‘Uma luz está surgindo em mim’ ou ‘trazendo luz para a escuridão’.

Chamamos a influência do nosso Buddha interior de *intuição*.*

O deus interior

Este nível mais elevado de consciência para nós, seres humanos, inclui o ser vivo Via Láctea, do qual esta galáxia com suas muitas estrelas é apenas o veículo exterior. Para ter contato com este nível elevado, nós, seres humanos, devemos ter elevado nossa consciência pensante a este nível elevado. Devemos tê-la desenvolvido a um nível elevado, muito elevado. Não é possível, nem mesmo metaforicamente, descrever o órgão dos sentidos, porque ainda não o desenvolvemos em nosso nível atual de evolução.

* O termo é frequentemente confundido com ‘pressentimento’ ou ‘instinto’, que estão muito abaixo da esfera do Buddha interior.

Essa influência também é chamada de *inspiração*, ou melhor, um *estado de ser*: a pessoa está inspirada. Quando alcançamos esse estágio, reconhecemos o divino em tudo, porque somos tudo.

Nós somos esse Deus interior, mas ainda não desenvolvemos essa esfera dentro de nós mesmos. É por isso que falamos que ‘somos um deus em embrião’. Existente, em crescimento, mas ainda não nascido.

Contato com nosso Eu Superior

Os inúmeros seres dessa Hierarquia da Compaixão impulsionam as grandes massas de seres menos evoluídos para dentro e para cima. Para frente, em direção a mais conhecimento, mais sabedoria. Do lado sombrio e material para o lado luminoso.

Mas se persistirmos em nosso pensamento material e perseguirmos motivos egoístas, não perceberemos nenhuma influência ‘de cima’. Pois o mundo dos motivos egoístas e do pensamento dos aspectos inferiores da mente está muito distante da esfera nobre onde residem os Dhyāni-Chohans. Não batemos à porta. Não podemos bater.

O que significa ‘bater à porta’ para que ela se abra para nós? Temos que enobrecer nosso caráter. Devemos deixar a harmonia voltar aos nossos corações, aos nossos pensamentos, palavras e ações — isso é o que significa ‘bater à porta’.

Se nos esforçarmos de forma altruísta (!) e honesta, interiormente e para cima, se buscarmos mais conhecimento com um coração puro, a ajuda deles chegará até nós em silêncio. Você já deve ter visto uma estátua de Buddha com orelhas compridas. Isso simboliza que nenhum chamado, por mais distante ou fraco que seja, deixará de ser ouvido. Devemos ser corajosos e ter uma vontade forte.

O desejo sincero de enobrecer nosso caráter para servir a toda a humanidade nos permite entrar em contato com nossos mestres internos. Mas apenas desejar não é suficiente. É claro que também devemos agir.

O instrutor externo

Diferentemente dos instrutores internos que acabamos de discutir, existem, é claro, também instrutores externos. Todos os sábios e filósofos que basearam seus ensinamentos na unidade universal de todos os seres humanos foram tais instrutores: Gautama, o Buddha, Confúcio, Lao-tzu, Jesus, Pitágoras, Sócrates/Platão e assim por diante. Você conhece todos eles.

Seus ensinamentos ainda são conhecidos, lidos e ensinados hoje. Por quê? Porque eles proclamaram a sabedoria universal, antiga e divina, a Theo-Sophia. Sra. Blavatsky

trouxe esses ensinamentos para o mundo ocidental no final do século XIX. E a Sociedade Teosófica se empenha em transmitir esses ensinamentos sublimes a todos os interessados. Nesse sentido, qualquer pessoa que se comprometa com essa tarefa também é um instrutor externo. Você também pode se tornar um instrutor assim. Inspire seus semelhantes a pensamentos mais nobres, a um comportamento moral, a uma conduta ética.

A qualidade de um instrutor sábio

Instrutores sábios são encontrados em todas as religiões e sistemas filosóficos. Sua tarefa é levar a filosofia da vida aos seus alunos, para que eles sejam capazes de desenvolver seu potencial interior de forma autoguiada. Como podemos saber se um instrutor que reconhecemos como tal é um bom instrutor ou um mau instrutor? Podemos dar-lhe duas pedras de toque para isso:

- a. O conteúdo do seu ensino, e
- b. A maneira como o instrutor educa.

a. O conteúdo do seu ensino

A filosofia de vida ensinada por um instrutor verdadeiramente sábio deve atender aos seguintes critérios:

- Não deve contradizer fatos científicos.
- Deve ser consistente com as ideias universais que são as mesmas em todos os sistemas religiosos e filosóficos antigos, por mais diferentes que sejam suas descrições. ‘Universal’ significa que ninguém é excluído. As ideias são válidas sempre e para todos.
- Deve fornecer a ligação natural entre ciência, religião e filosofia.
- Deve fornecer respostas às perguntas sobre a vida e a morte, o bem e o mal, e a questão do sofrimento humano.
- Deve mostrar o caminho para uma sociedade humana na qual cada ser humano possa desenvolver seu nobre potencial interior — uma sociedade onde a paz e a compreensão sejam evidentes e não ideais vagos.
- Essa filosofia de vida deve ser para o homem um guia seguro para seus pensamentos e ações.*

b. A maneira como o instrutor educa

A maneira como um instrutor sábio educa é fundamentalmente diferente daquela dos líderes não sábios de movimentos temporários (gurus de seitas) que estão sempre surgindo:

* Baseado no curso Sabedoria Universal.

- Um instrutor sábio mostra o caminho ao seu aluno dando dicas vagas. Ele frequentemente fala em metáforas, parábolas e paradoxos para encorajar o aluno a pensar sobre os ensinamentos de forma independente.
- Ele não tenta convencer o aluno, não exerce pressão ou poder sobre ele.
- Ele não pede dinheiro.
- Ele não inventa nada novo nos ensinamentos, mas os transmite como os recebeu.
- Ele é humilde porque diz: ‘É assim que eu ouvi, é assim que eu entendi’. Ele nunca diria: ‘É assim que as coisas são’.
- Ele transmite os ensinamentos da forma mais clara possível.
- Ele tenta descobrir se o aluno compreendeu.
- Ele transmite os ensinamentos em pequenas porções e dá tempo ao aluno para processar o que aprendeu.
- Ele avalia constantemente o seu próprio método de ensino (Estou transmitindo os ensinamentos corretos? Estou ensinando da maneira correta?).

Verifique se esses critérios são atendidos e você saberá se realmente encontrou um instrutor sábio.

3. Responsabilidade

Tanto o instrutor sábio quanto o aluno têm uma responsabilidade. Porque, é claro, mesmo em uma relação instrutor-aluno é possível criar desarmonia e, assim, causar efeitos kármicos. O instrutor sábio tem a responsabilidade de se conformar aos critérios acima. Instrutor e aluno devem trabalhar juntos em um diálogo aberto. O aluno deve informar ao instrutor *se* compreendeu seus ensinamentos e *como* os compreendeu, para que o instrutor possa tomar medidas corretivas quando necessário e esclarecer os fatos com outras metáforas ou outras palavras. Dessa forma, o instrutor pode monitorar sua maneira de ensinar.

Além disso, um aluno sério deve sempre se perguntar se está apenas acreditando cegamente e, assim, criando novos dogmas, ou se está realmente, por meio de reflexão independente, se abrindo pouco a pouco para o instrutor. Vemos que o aluno também tem responsabilidade.

Pois o aluno sabe um pouco mais do que alguém que ainda não está interessado (vamos chamar essa pessoa de ‘ignorante’). Por seu modo de vida, seus pensamentos, palavras e ações, o aluno está rodeado por uma certa atmosfera, um aroma, que também irradia para o ignorante. Dessa forma, no início talvez de maneira imperceptível, o aluno também se torna um instrutor, um instrutor para os não instruídos.

4. A Cadeia Dourada da Sabedoria – Quem revela o plano?

Nossa tarefa como seres humanos é desenvolver nosso pensamento em todas as suas facetas. Essas facetas ou princípios do pensamento estão em diferentes esferas: elas vão desde a mais baixa (‘Eu penso no meu corpo’) até a mais elevada (o Deus interior).

A Hierarquia da Compaixão são os nossos próprios Eus Superiores. Estas classes de consciência mais evoluídas ajudam-nos por compaixão: colocam o seu próprio progresso e desenvolvimento em segundo plano, para dar uma mão à humanidade errante e sofredora, inspirando-a.

Entremos no silêncio, dirijamos os nossos pensamentos para cima e para dentro. Tentemos passar do pensamento pessoal para o supra-pessoal.

Apelemos à nossa consciência nas nossas decisões, ouçamos a nossa consciência: sempre!

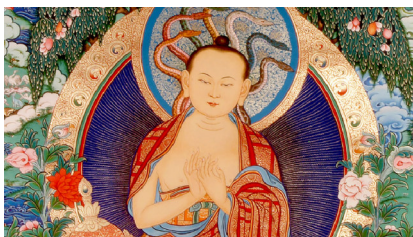
Esforcemo-nos por ser um exemplo para todas as pessoas, por inspirar com o nosso ser.

Vamos colocar nossos pés no Caminho, para alcançar o nível mais baixo da Hierarquia da Compaixão.

É assim que o plano divino se desenrola; é assim que podemos contribuir para ele.

Referência

1. *De Gouden Keten van Wijsheid*. [A corrente dourada da sabedoria] Em: *Lúcifer – o Portador da Luz*, holandês, volume 46, número 6, dezembro de 2024, p. 177-183.
2. Platão, *Mênon*, 81c-d, 85c-86c (paginação universal de Platão).
3. Platão, *A República*, 518 b-d (paginação universal de Platão).
4. Gottfried de Purucker, *Wind of the Spirit* [Vento do Espírito], 1ª edição. Covina, Califórnia, Theosophical University Press, 1944, p. 163. (Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/wind-of-the-spirit/>).
5. Johanna Vermeulen, *Conscience, intuition, inspiration: Three signposts on the quest for yourSELF*, [Consciência, intuição, inspiração: Três sinais na busca por ‘Si Mesmo.’] Palestra: 26 de maio de 2024. (Fonte: <https://blavatskyhouse.org/lectures/catalogs-all-lectures/>).



Pintura de Nāgārjuna. As serpentes simbolizam a sabedoria celestial.

Quão vazio é o vazio?

O que se entende no budismo pelo conceito de Śūnyatā?

Pensamentos-chave

- » O Espaço Infinito é para nós um Vazio sem forma.
- » O mundo mais espiritual-divino da nossa hierarquia nos parece um Vazio, porque está além da nossa imaginação mais elevada. Para seres mais evoluídos, porém, é um mundo de formas.
- » Todos os fenômenos, como o ser humano, são vazios no sentido de que, como manifestações, não são duradouros e são vazios de qualquer significado real.
- » Os seres não podem existir independentemente. Todos os fenômenos estão interligados.
- » O mundo manifestado é uma plenitude de seres vivos.
- » Embora o mundo dos fenômenos seja uma ilusão, os seres humanos atribuem-lhe realidade. Para eles, ele é, portanto, real.
- » Podemos compreender melhor os mundos espirituais-divinos se nos esvaziarmos de todos os pensamentos pessoais.

Existe uma realidade mais profunda por trás do mundo perceptível pelos nossos sentidos. Platão chama nosso mundo de mundo das sombras, um reflexo de um mundo muito mais nobre. Todos os outros grandes sistemas religiosos e filosóficos também reconhecem outras esferas da existência, embora muitas vezes usem outras palavras e outras imagens para expressar suas ideias. A doutrina de Śūnyatā, o Vazio, desenvolvida no budismo Mahāyāna, pode nos inspirar a compreender melhor esses outros mundos.

Se medirmos a popularidade do Budismo pela presença de imagens de Buddha, então esta filosofia religiosa é muito popular no Ocidente. No entanto, questiona-se se os ensinamentos budistas são bem compreendidos e aplicados. Para compreender alguns dos ensinamentos mais metafísicos, é necessário um modo de pensar completamente diferente do que é comum no mundo ocidental. Se você não tem essa maneira de pensar e se deixa enganar pelas palavras, surge a incompreensão. Essa incompreensão ocorre frequentemente em relação a algumas ideias centrais do budismo e, certamente, em relação ao conceito de Śūnyatā, o Vazio.

Como todo autor de um artigo de *Lúcifer*, ele consulta primeiro nossos Instrutores teosóficos sobre o assunto a ser tratado. O que eles disseram sobre este assunto? Por isso, nos pareceu valioso apresentar neste artigo alguns trechos sobre este assunto do nosso Professor Gottfried de Purucker.

Gottfried de Purucker sobre Śūnyata:

Agora, é a doutrina filosófica do Budismo, quando bem compreendida, que todo o mundo à nossa volta é impermanente, ilusório, māyāvi; mas que todas as formas de existência têm como base e são construídas em torno de algo interior, secreto, esotérico, oculto, fundamental, que as Escolas do Norte, reunidas sob o grande ensinamento Mahāyāna, chamam de Śūnyata, ou seja, o 'Vazio', o Não Manifestado, como diria o Teósofo.⁽¹⁾

Esses filósofos budistas ensinam que a única realidade, o único fundamento, por assim dizer, do Ser, é o Vazio Ilimitado. Dele surge, no início ou com o tempo, um Kosmos, ou surgem os universos; e para ele retornam quando seu ciclo de manifestação termina. Esta Doutrina do Vazio – note-se bem – é de natureza muito mais espiritual do que a Doutrina da Plenitude. É muito mais difícil de

compreender do que esta última, porque o nosso pensamento europeu não está habituado ao modo de pensar necessário para compreender facilmente tais ideias. É muito mais fácil e rápido formar uma ideia da plenitude das coisas do que da ideia de que, do vazio ilimitado e perfeito, surgem todas as manifestações infinitas do Kosmos; e que elas voltam ao vazio quando o ciclo de sua vida se completa.⁽²⁾

O atual escritor, que trata do mesmo assunto, falou em várias ocasiões sobre o Espaço em um de seus aspectos como *Śūnyatā* (शून्यता), aqui tomando uma palavra mística profundamente significativa usada nas doutrinas mais profundas, ou mais precisamente, nas doutrinas esotéricas de Gautama, o Buddha. Esta palavra significa literalmente ‘Vazio’ ou ‘Vácuo’; e em outras ocasiões, referindo-se a outro aspecto do Espaço Universal, ele o chamou de Pleroma (πλήρωμα). É uma palavra grega antiga, frequentemente usada pelos gnósticos, e significa ‘Plenitude’.

Ora, deveria ser evidente para qualquer pessoa sensata que não tenha perdido o bom senso que, quando um objeto de pensamento, neste caso o Espaço, é chamado ora de ‘Vazio’, ora de ‘Plenitude’, deve haver uma razão para isso e que não há contradição no uso de dois termos tão diferentes.

(...)

... o termo esotérico *Śūnyatā*, o ‘Vazio’, ou a Vacuidade, significa as regiões mais elevadas da Mente Cósmica; e é precisamente porque esta Mente Cósmica é imperceptível a qualquer sentido humano, e precisamente porque está mesmo além dos limites mais elevados da imaginação humana – uma vez que não tem forma nem ‘corpo’ que nós, seres humanos, possamos compreender – que, por um uso figurativo do termo conhecido ‘vazio’, é chamado de ‘Vazio’.

(...)

Quando a nossa capacidade de pensamento, com o seu elevado alcance, penetra na esfera física e para além dela, percebemos que a esfera física é apenas o revestimento exterior ou o véu que esconde Mundos, Áreas e Esferas imensas, incompreensíveis e invisíveis, que se estendem desde os limites do físico até às visões cada vez mais distantes do Espírito Cósmico, que, precisamente por ser o que nós, seres humanos, chamamos de ‘sem forma’, não pode ser percebido pelos nossos sentidos, e, portanto, não pode dar à nossa mente uma imagem de coisas, objetos ou imagens concretas, chamamos de Vazio espiritual ou Vacuidade, e lhe damos o nome de *Śūnyatā*.⁽³⁾

Por fim, não queremos deixar de mencionar este paradoxo do *Tao Teh Ching* de Lao Tse.

Se você estiver sempre sem desejos, verá o mistério.

Se você sempre desejar, verá as formas de manifestação.

Quanto mais você deseja, menos você vê.⁽⁴⁾

Ensinar é difícil

Você terá que ler as citações acima várias vezes e, provavelmente, ainda assim nem tudo ficará claro. O ensinamento sobre o Vazio não é fácil. No entanto, ela é amplamente abordada em escritos budistas conhecidos. Por exemplo, o *Prajña-pāramitā Sūtra*⁽⁵⁾ coloca esse conceito no centro. Os *Versos Básicos sobre o Caminho do Meio*⁽⁶⁾ do sábio budista Nāgārjuna também tratam em grande parte desse assunto.

Para quem não está familiarizado com essas ideias, esses livros são extremamente difíceis. A dificuldade é ainda maior porque *Śūnyatā* pode significar várias coisas, que, aliás, nunca estão separadas umas das outras. Pois se o conceito de Vazio nos ensina alguma coisa, é que tudo está interligado.

Neste artigo, vamos tentar compreender o vazio, tornando-o mais acessível. Para isso, vamos nos basear principalmente nas citações curtas de Gottfried de Purucker acima.



Fragmento de um manuscrito do Prajña-pāramitā Sūtra.

ESPAÇO

Vamos começar tentando entender *Śūnyatā* em seu significado mais universal. ‘Entender’ é, na verdade, um objetivo muito ambicioso, pois nunca poderemos compreendê-lo *totalmente*. No entanto, há esperança, pois é possível desenvolver pelo menos alguma compreensão sobre o assunto, mas para isso precisamos abandonar preconceitos antigos e

padrões de pensamento arraigados. Também não devemos nos concentrar em palavras, pois Śūnyatā está acima de qualquer palavra.

Quando falamos sobre Śūnyatā em seu significado mais *universal*, estamos na verdade usando uma palavra errada. Pois mesmo a palavra ‘universal’ é ainda muito limitada para indicar o significado do Vazio. Śūnyatā refere-se ao Espaço ilimitado, que contém universos infinitos e que ultrapassa qualquer capacidade de compreensão. (Veja o primeiro Postulado de *A Doutrina Secreta* na contracapa.) E por mais imenso que seja um universo, sempre há um limite. Por isso, quando pensarmos no conceito de Espaço, não pensemos em *um* espaço. Também não pensemos na definição científica de espaço, mas na infinidade que se estende em todas as direções, sem limites. Incompreensível para nós, mas ainda assim inspirador para refletir. Nós, seres humanos, vivemos neste pequeno planeta azul chamado Terra. Com nossos sentidos, só podemos perceber o mundo físico. Acima – ou *dentro* – desse mundo existe outro mundo. Um mundo mais etéreo. Acima dele – ou ainda *mais para dentro* – existe o mundo mental, que é ainda mais etéreo, e assim por diante. Existe uma hierarquia de mundos ou esferas, que se tornam cada vez mais etéreos, cada vez mais difíceis de percebermos. Um ser só pode perceber algo de um mundo se tiver desenvolvido em si mesmo a consciência correspondente. Afinal, só se pode adquirir conhecimento de algo se isso também estiver vivo dentro de nós. Portanto, se não desenvolvemos em nós mesmos o elemento correspondente a um mundo, esse mundo é completamente sem forme para nós e o experimentamos como um vazio.

Isso parece complicado, mas não é. Nós, seres humanos, pensadores, podemos perceber pensamentos, porque pensar um pensamento é perceber um pensamento. Por que podemos fazer isso? Porque com a nossa consciência permanecemos no domínio mental, o mundo do pensamento. É lá que pertencemos. Os animais ou as plantas não podem fazer isso. Para eles, o mental humano não existe, ou existe apenas vagamente, porque *ainda não* desenvolveram os sentidos internos para isso.

Assim, *para nós*, o domínio mais divino-espiritual do Espaço é sem forme. Não podemos formar nenhuma imagem concreta dele. Esse mundo está além da nossa compreensão, além da nossa imaginação mais elevada, além do horizonte da nossa consciência. Ele se apresenta a nós como Vazio: Śūnyatā.

Esse mundo, que para nós é o mais elevado, é chamado de Espírito Cósmico, no qual, segundo as palavras de Paulo, ‘vivemos, nos movemos e existimos’.⁽⁷⁾ Não podemos dar

forma ao Espírito Cósmico. Não podemos descobrir nenhum corpo nele. É por isso que ele se apresenta como Vazio, embora nós mesmos existamos nesse espaço e estejamos incorporados nele. E, no entanto, experimentamos esse espaço como vazio.

Esse Vazio existe, portanto, mesmo que não possamos dizer nada concreto sobre ele. O erro que alguns cometem ao pensar que esse Vazio não é nada pode ser comparado à forma como as gerações anteriores de orientalistas ocidentais interpretaram o conceito de Nirvāna. Nirvāna significa extinção. E os orientalistas eruditos acreditavam que o homem seria extinto, ou seja, deixaria de existir ao entrar no Nirvāna. Eles não compreendiam que o ser humano, como ser composto, extingue os elementos inferiores e limitados em si mesmo – ou seja, os abandona. Ele transcende os elementos que o prendem ao mundo exterior. Apenas o que é limitado do eu inferior é abandonado, extinto, mas as partes superiores do ser humano real atingem sua plena atividade no Nirvāna.

Da mesma forma, você poderia interpretar erroneamente Śūnyatā como um vazio absoluto, uma forma de niilismo. Se você fizer isso, porém, estará ignorando completamente o significado desta palavra sânscrita. Nossas línguas ocidentais muitas vezes não têm palavras para expressar esses pensamentos espirituais sutis. É por isso que as palavras sânscritas são frequentemente traduzidas de maneiras diferentes. Portanto, não se apegue muito às palavras. Tente desenvolver a compreensão.

Quão relativo é o vazio?

O mundo relativamente mais elevado é vazio para nós, mas isso não significa que seja vazio para todos os seres. Estamos em um determinado degrau da hierarquia. Temos uma determinada consciência, que tem um determinado alcance. Temos nossos limites em nossa percepção.

Seres mais desenvolvidos possuem uma consciência mais ampla, com um alcance mais extenso. O que para nós é vazio e sem forma, aquilo em que não podemos discernir nada e não podemos imaginar nada, é para seres mais desenvolvidos – falamos então de super-deuses – um mundo de formas, tão real para eles quanto nosso mundo é real para nós. Eles vivem, movem-se nele e têm as suas experiências divinas nele.

O equívoco em relação a Śūnyatā é que é entendido como *Nada*, ou seja, como algo que não existe de facto. O conceito de Nada, em seu sentido literal, é um conceito ocidental, proveniente do dogma de que Deus teria criado o mundo a partir do nada, uma incongruência filosófica e científica.

Se você ler bem os primeiros versos do *Gênesis* e usar a chave esotérica, você também entenderá que os deuses (Elôhîm) criaram nosso mundo – ou melhor ainda: moldaram – a partir de um campo de consciência superior. O Vazio é ‘nada’ apenas no sentido de que *não é algo*. Não é uma coisa, um objeto, um ser, não é algo em particular. Ainda não possuímos a capacidade de descobrir qualquer distinção nele, nem mesmo de perceber sua existência. Mas, como já foi dito, existem seres que desenvolveram capacidades de percepção muito superiores às dos seres humanos e, para eles, o Vazio não é de forma alguma vazio. Você vê: tudo é relativo. O conceito de Śūnyatā também é relativo. Depende do alcance da sua consciência. Apenas o ESPAÇO Infinito não é relativo, porque não tem nenhuma limitação e não pode estar em relação com nada. Afinal, é tudo o que existe.

Todos os fenômenos são vazios

No Budismo, há um segundo significado dado a Śūnyatā, a saber, a doutrina frequentemente citada de que todos os fenômenos são vazios. Existem diferentes visões que tentam explicar isso. Isso significa que cada coisa, cada fenômeno ou cada ser não existe? Nós achamos que não é assim. Ou significa que cada *ser é essencialmente vazio*?

Para compreender isso, você precisa estar ciente de que tudo o que existe neste mundo fenomênico é uma ilusão ou, como se diz no Oriente, uma *māyā*. Māyā significa ‘o que é medido’ ou ‘o que pode ser medido’. Portanto, refere-se ao mundo das formas, ao mensurável, ao mundo manifestado. *Esse* mundo é uma ilusão.

No entanto, você precisa ter uma ideia correta do que é ilusão. Alguns interpretam esse conceito como inexistente. Para eles, o vazio dos fenômenos significa que eles não existem. Surge então a pergunta: como podemos percebê-los? Como podemos viver no mundo dos fenômenos, se ele não existe? Essa visão é lógica? Achamos que não.

Mais próxima da realidade é a ideia de que todos os fenômenos existem, mas são temporários. Tudo o que tem forma tem um começo e, portanto, também um fim. Mesmo o maior cosmos que podemos imaginar, contendo bilhões de estrelas e existindo há milhões e milhões de anos, é, no entanto, uma ilusão, pois é passageiro.

Os fenômenos não têm razão de ser em si mesmos, porque são o resultado, um reflexo de uma força interior que atua por trás deles. Se, portanto, se afirmar que todos os fenômenos são vazios, isso significa que eles não são duradouros, são temporários e transitórios e, portanto, vazios. Todas as *formas* são vazias de qualquer significado real.

Vazias de si mesmas

Existem correntes no budismo que também interpretam o conceito de Śūnyatā no sentido de que cada ser não tem um eu [Em inglês: *self*]. Tudo o que se manifesta é vazio de ‘eu’, portanto, não possui ‘eu’.

A palavra ‘eu’ [*self*] é uma tradução da palavra sânscrita Ātman, que é frequentemente usada nos escritos sagrados hindus, os *Upanishads*. Alguns budistas, porém, partem do que chamam de *anātman*. *Não existe Ātman, nenhum Eu imutável e permanente*, nenhuma essência duradoura no ser humano ou em qualquer outro fenômeno.

Estamos diante de um ensinamento muito profundo, que requer uma reflexão cuidadosa. A questão de saber se existe um elemento imutável no ser humano é tão difícil que Gautama, o Buddha, permaneceu em silêncio quando lhe foi feita essa pergunta.⁽⁸⁾ Mais tarde, ele disse a Ānanda, seu discípulo mais avançado, que qualquer resposta que ele tivesse dado teria levado a mal-entendidos. Se ele tivesse dito que existe de fato um Eu duradouro no ser humano, teria surgido a ideia de que existe algo imutável no ser humano; uma espécie de ponto final de todo desenvolvimento. E isso não é verdade. Se ele tivesse dito que não existe um Eu duradouro no ser humano, teria surgido a ideia de que o ser humano – a consciência – um dia deixaria de existir, o que também não é verdade.

A chave para o mistério está na ideia de *mudança eterna*. E a mudança pressupõe *algo* que está sujeito a mudança. Se não há *nada*, também não pode haver mudança.

Em suma, há sempre *algo* que está fora, acima ou dentro de qualquer forma e limitação. Há algo que está na base de cada fenômeno. Você pode chamar isso de Ātmico em nós; é o deus interior ou a mônada. Todas essas palavras se referem a uma centelha do que é chamado figurativamente de FOGO eterno e infinito. No entanto, não dê valor absoluto a esses nomes. Evite que o pensamento se cristalice e que surjam formas de pensamento fixas e inamovíveis.

É esse *algo* que se expressa cada vez mais. Ele se adapta continuamente a diferentes veículos. Todas essas formas são limitações, invólucros temporários desse *algo*. Todas essas formas, todos esses invólucros, todas essas manifestações são vazias, no sentido de que deixam de existir quando esse algo se retira delas. Mas esse *algo* que as produziu, que as utiliza durante um determinado tempo, é eterno. E não importa se o período de uso dessa forma é um dia, como no caso de uma libélula, ou bilhões de anos, como no caso do sol. De qualquer forma, é temporário, tem um começo e, conseqüentemente, um fim. Mas a sua essência é eterna. Essa ‘essência’, porém, não é estática, não é imutável.

Então, *esse algo* também cresce, muda. Ele se desenvolve continuamente, embora esse desenvolvimento esteja muito além da nossa capacidade de percepção. Isso significa que dentro *desse algo* existe algo ainda mais profundo, que nem mesmo o nosso núcleo mais profundo conhece e que, portanto, é vazio, Śūnyatā.

Assim, embora tudo o que existe seja vazio, tudo o que existe também está eternamente enraizado em Śūnyatā.

Idealismo objetivo

O mundo dos fenômenos é, portanto, ilusório. No entanto, todos os fenômenos têm um *valor real* limitado, pelo menos para a consciência que lhes atribui esse valor. Isso pode parecer contraditório com a ideia de que todos os fenômenos são vazios e que, portanto, o cosmos manifestado é uma ilusão. Mas ilusão não significa que o cosmos não existe. O mundo exterior não é inexistente. Ele existe de fato. Ele existe como uma sombra existe. Os fenômenos externos são projeções temporárias de algo que está por trás deles.

Se, porém, alguém não compreende que esse mundo fenomênico é uma projeção temporária – isto é, se não compreende a natureza do mundo exterior – então passa a conceber esse mundo como uma realidade independente.

O que você não vê, então, não existe. Ou seja: não existe *para você*. Você pensa que as árvores são apenas árvores, os mares apenas mares, e o ser humano não é mais do que seu veículo físico. Isso não só limita enormemente o seu ser, como também será frequentemente causa de sofrimento.

Na verdade, você se encontra então em um estado de ilusão. Você interpreta o mundo fenomênico com sua capacidade de percepção limitada e não compreende que atribui realidade a algo que se apresenta diferente do que é em essência.

Se você anda no deserto e *pensa* que vê um oásis – que na verdade é um reflexo, uma fata morgana – você está em um estado de ilusão e interpreta erroneamente o que percebe com os seus sentidos.

A grande maioria das pessoas interpreta constantemente de forma errada o que percebe. Todas as pessoas tendem a interpretar o mundo dos fenômenos de acordo com a maneira como pensam. E como, na maioria das pessoas, o pensamento ainda está muito pouco desenvolvido, elas avaliam o que percebem de maneira errada.

Chamamos de idealismo objetivo a interpretação do que se percebe com o pensamento. As *ideias* que você tem determinam como você vê os *objetos* – o mundo dos fenômenos. O seu pensamento cria, portanto, a sua própria realidade. Se você está alegre, o mundo é maravilhoso e a vida é bela;

o mesmo mundo é sombrio e feio quando você está de mau humor.

A doutrina do idealismo objetivo é extremamente importante, porque não só nos dá uma compreensão muito melhor da nossa própria vida, como também nos permite compreender melhor os outros e ajudá-los melhor. Pois, embora as pessoas vivam em um estado ilusório ao atribuir realidade a algo que é uma ilusão – *vazio* – elas podem sofrer de forma muito real. O sofrimento deles é muito real para eles.

Alguém que compreendeu a natureza ilusória do mundo exterior deve, portanto, estar plenamente consciente do fato de que o estado ilusório em que se encontram seus semelhantes é uma realidade muito concreta *para eles*. Isso desperta a compaixão em você. Você começa a trabalhar para inspirar outras pessoas a desenvolver essas qualidades em si mesmas, tornando-as capazes de ver a condição ilusória da vida exterior. Ensine-os a se identificarem com a compreensão, a percepção – o budha – dentro de si mesmos. Assim, eles transcenderão a visão limitada da vida, que considera como realidade o que é apenas uma sombra passageira. Essa visão da vida é a grande causa do sofrimento da humanidade.

A partir de uma visão espiritual, ajudar de forma duradoura não consiste tanto em tomar medidas para tornar o mundo exterior mais agradável e suportável, mas em ensinar as pessoas a desenvolver uma visão diferente da vida. No entanto, evite sempre o fanatismo. A alguém que tem fome, você dá uma boa refeição e não lhe fala imediatamente sobre Śūnyatā.

Vazio e Plenitude

Há ainda um pensamento muito importante que tem tudo a ver com o ensinamento de Śūnyatā, que é que todos os seres, tudo o que se manifesta, depende de tudo o resto. Nos primeiros versos dos *Versos Básicos sobre o Caminho do Meio*, Nāgārjuna afirma que nada pode existir por si só. Tudo existe pela graça de tudo o mais. Se uma coisa não existisse, a outra também não existiria. Ou seja, tudo o que existe está relacionado, é interdependente. Os seres não podem ser separados uns dos outros. Por si sós, eles não podem existir. Na filosofia Ubuntu da África, isso é expresso de forma concisa com a frase: ‘eu sou porque nós somos’. Todos os seres formam um todo: uma plenitude de vida. Nada nessa Plenitude pode ser destruído. Se isso fosse possível, o todo entraria em colapso.

Esse é o grande paradoxo: o Universo é tanto um Vazio quanto uma Plenitude. O Vazio se refere aos mundos que

são sem forme para nós e, portanto, inconcebíveis, enquanto a Plenitude se refere às áreas que têm forma, mas cujas raízes estão no Vazio.

A diferença entre o Vazio e a Plenitude é, portanto, uma diferença de perspectiva. É por isso que lemos no *Prajñāpāramitā* que o Buddha diz:

(...) a forma é vazio e o vazio é forma;
o vazio não difere da forma,
a forma não difere do vazio;
o que é forma é vazio,
o que é vazio é forma (...)⁽⁹⁾

Compare com o seguinte: eu posso descrever um ser humano com base no que *vejo*: suas pernas, seus braços, sua cabeça e assim por diante. Esta é a plenitude de sua forma exterior. Eu também posso descrever sua mentalidade invisível aos sentidos. Como ele pensa? Embora isso seja menos concreto, esses pensamentos também têm uma certa forma. Depois, há ainda seu fundo mais profundo, algo que podemos chamar de seu deus interior. Como ainda tenho pouca afinidade com isso, é tão sem forma que me parece um vazio, embora eu saiba que existe.

A plenitude de sua forma, de seu corpo, é essencialmente o vazio de seu deus interior. Todos os princípios que compõem um ser humano pertencem uns aos outros, provêm uns dos outros, são dependentes uns dos outros, *são* uns aos outros. São expressões de uma única corrente de vida. Portanto, se para mim um ser humano é uma Plenitude ou um Vazio depende de onde eu dirijo a minha consciência, com o que me identifico.

Um ser humano materialista reconhece apenas a plenitude do corpo. A mente é um grande vazio para ele. Uma pessoa muito espiritual sabe que a forma, o corpo, existe, mas dificilmente prestará atenção a ele.

E o que se aplica às pessoas, aplica-se a todos os seres que compõem uma determinada hierarquia. Todos os seres manifestados formam uma Plenitude inseparável, em que a existência de um depende do outro. Todos têm uma origem comum, o Vazio. Mas esse Vazio é relativo. Ele se desloca, por assim dizer, à medida que desenvolvemos um maior alcance de consciência. Onde para nós, seres humanos, começa o Vazio, para os seres mais desenvolvidos existe um mundo de formas.

Esvaziar-se

Esta filosofia do Vazio parece muito difícil à primeira vista, mas na verdade não é assim tão difícil, pelo menos se

utilizarmos as chaves certas. É mais uma questão de desconhecimento e, por isso, de estranheza para as pessoas que cresceram numa civilização ocidental. É preciso algum tempo para se habituar. É pensar além das palavras. Também leva tempo para se familiarizar com essa outra maneira de pensar, baseada em outros princípios.

Se você deseja se familiarizar com a ideia do Espaço ilimitado, do crescimento eterno do núcleo que somos, é importante esvaziar-se de todos os pensamentos voltados para o mundo exterior. Não pense em formas. Não pense em percepções físicas. Liberte-se de todos os pensamentos profanos, que tendem a se aninhar na mente e não deixam espaço para ideias mais espirituais.

No final do dia, reflita sobre quantos pensamentos sem sentido e sem significado você teve durante o dia. Quanto espaço você teria criado em sua própria consciência se não tivesse tido esses pensamentos! Quão mais fácil teria sido refletir sobre as ideias de Śūnyatā e compreendê-las cada vez melhor!

Todo místico se esforça para esvaziar-se de si mesmo. Neste caso, com 'si mesmo' queremos dizer o eu inferior ou a personalidade. Este é um processo ativo, embora possa parecer para o homem superficial que você não está fazendo nada e está vazio.



Compare isso com um avô sentado tranquilamente em sua poltrona. Seu neto brinca a seus pés. Quando ele olha para cima e vê o avô sentado imóvel, pensa que ele não está fazendo nada, que está 'vazio'. Mas o avô esvaziou-se de todos os pensamentos pessoais e está cheio da grandeza do Universo e dos laços indissolúveis de todos os seres que compõem esse Universo. Ativamente, ele deixa as muitas facetas dessa imagem mental majestosa passarem diante dos olhos da sua mente.

Ele teria sido capaz de pensar nisso se sua mente estivesse cheia de preocupações, se estivesse preocupado com a

inflação que o impede de sair de férias, com o vizinho que é tão rude ou com o mau tempo?

Afasto *conscientemente de si* o que é pessoal, limitante e finito.

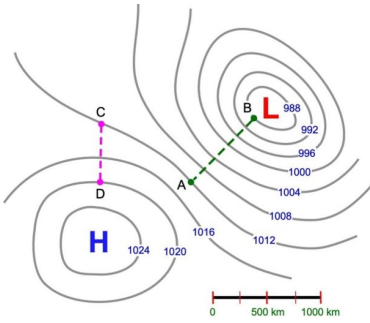
Dessa forma, você não só alcançará paz interior e grande tranquilidade, como também estará mais apto a cumprir os deveres da vida. Procure e encontre o elemento permanente em si mesmo. Quando você está em silêncio, vazio de todos os pensamentos banais, você conhece e reconhece o que é impessoal em si mesmo e começa a perceber algo que até então era um vazio para você.

Referências

1. Gottfried de Purucker, *Esoteric Tradition*, [Tradução Esotérica] Vol. 1. 2ª edição. Point Loma, Califórnia, Theosophical University Press, 1940, p.103, 1940. Ver: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/>
2. Gottfried de Purucker, *Fundamentos de Filosofia Esotérica*, Haia, Fundação I.S.I.S., capítulo 34, p. 452. Ver: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/>
3. Gottfried de Purucker, *Esoteric Teachings, Vol. III. Space and the Doctrine of Maya*, [Espaço e a doutrina de Maya] Haia, I.S.I.S. Foundation, 2015, pp. 3, 4 e 5.
4. Lao Tze, *Tao Teh Ching*. Paradoxo 1, regras 5-8. Várias edições, várias traduções.
5. *Do Ashtasāhasrikā Prajñāpāramitā Sūtra*. Ver: (https://dn790008.ca.archive.org/0/items/Prajnaparamita800019/Prajnaparamita_8000_19.pdf).
6. Nagarjuna, *Mūlamadhyamakakārikā*, uma obra filosófica relativamente curta e extremamente profunda, que dificilmente pode ser compreendida sem um estudo prévio aprofundado e comentários. Quem não conhece sânscrito tem ainda mais dificuldade em estudar este livro, porque as línguas ocidentais simplesmente não têm vocabulário para expressar os pensamentos profundos e sutis. Veja, entre outros: (<https://www.wisdomlib.org/buddhism/book/mulamadhyamaka-karika-english/d/doc79715.html>).
7. *Bíblia. Novo Testamento, Atos dos Apóstolos* 17:28.
8. Ānanda Sutta, ver: (<https://www.accesstoinsight.org/tipitaka/sn/sn44/sn44.010.than.html>).
9. Ver ref. 5, Rahulabhadra, *Hymn to wisdom transcendent*, [Hino à sabedoria transcendente], p. 28. Ver também: ref. 3, p. 24 nota de rodapé. Nela é traduzida uma parte do *Prajñā-Pāramitā-Hridaya-Sūtra*.



FESTA DE ANIVERSÁRIO DO DALAI LAMA
UAU, **NADA!** EXATAMENTE O QUE EU SEMPRE QUIS!



Forçamos as pessoas ao egoísmo?

Sim... mas deixe-me explicar por quê

Pensamentos-chave

» As ideias comumente aceitas de 'luta pela existência diária' criam contínuas carências e sofrimento, tanto em países ricos quanto pobres, tanto nas camadas ricas quanto nas pobres da sociedade.

» Por que surgem as enormes diferenças nas oportunidades espirituais, mentais e materiais no mundo? Participamos das causas, inconsciente ou conscientemente?

» Sem a cooperação com inúmeros outros seres, não podemos existir. Todos podem contribuir com suas qualidades nos âmbitos espiritual, mental e material da sociedade e têm até mesmo a obrigação moral de fazê-lo.

» A harmonia não é um equilíbrio aritmético, mas uma sociedade perfeita onde todos têm o que precisam, podem se desenvolver e podem aprender a expressar suas qualidades superiores. Então, não nos preocupamos apenas com nosso próprio desenvolvimento, mas trabalhamos juntos para ajudar todos os outros.

Talvez sua primeira reação seja: que título estranho, e sua resposta será 'não', 'claro que não, nenhuma pessoa sensata forçaria outra ao egoísmo'. Talvez você se sinta ofendido com essa pergunta.

No entanto, vemos isso acontecer com muita frequência. Vemos muito egoísmo resultante de situações sociais que poderiam ter sido evitadas. Isso não ocorre apenas em uma determinada camada da sociedade: vemos isso em todas as camadas da sociedade. Muitas vezes, isso decorre de um padrão habitual seguido sem pensar. Isso já acontece quando incentivamos as crianças com expressões como: 'você tem que tirar seu diploma e não perder tempo ajudando seus amigos; eles têm que se virar sozinhos'. Por que não motivar as crianças com ideias como: 'você tem que tirar seu diploma para poder ajudar seus semelhantes'? Ou: 'você tem a responsabilidade de desenvolver e usar suas qualidades para a sociedade da qual faz parte'.

A questão é: qual é a nossa visão de mundo?

O termo egoísmo é um conceito amplo com grande significado social. Encontramos descrições em dicionários como 'tendência a favorecer a si

mesmo, egoísmo, interesse próprio'.

Um exemplo extremo e muito claro de um apelo direto ao egoísmo é o grito popularizado 'eu primeiro'.

Mas quando fazemos escolhas em nossas vidas, consideramos as consequências para nossos semelhantes? Vou tentar mostrar agora que o egoísmo é muitas vezes uma escolha habitual.

Muitas vezes, revestimos nossas escolhas egoístas com uma capa intelectual para justificá-las. Por exemplo, 'um pouco de egoísmo saudável não faz mal' ou 'defenda-se, porque ninguém vai fazer isso por você' e assim por diante. Muitas pessoas geralmente não veem isso como uma característica ruim ou repreensível; a competição é saudável, um pouco de egoísmo é necessário. Mas quanto é 'saudável'?

As ideias comumente aceitas de 'luta pela existência diária', a luta pela vida cotidiana, criam contínuas carências e sofrimento. Podemos descrever isso com dois exemplos extremos: por um lado, viver abaixo do mínimo necessário, como no caso dos sem-teto. Para eles, permanecer vivo exige tanto esforço que não há espaço para pensar em mais nada, ou fazer algo mais, a não ser para si mesmo. Por outro lado, vemos pessoas que vivem vidas super ricas, mas para

quem suas grandes riquezas ainda não são suficientes. Elas têm uma fome insaciável por mais e, portanto, também pensam apenas em si mesmas.

Não existe nenhum ser que possa existir de forma independente e autônoma.

É necessária uma sociedade dinâmica para aprendermos uns com os outros. Em todas as sociedades, incluindo a nossa, existe uma grande dinâmica de interação e diversidade. Em uma sociedade harmoniosa, essa diversidade é uma necessidade. Sem a cooperação com inúmeros outros seres, não podemos existir. Assim, a Teosofia nos ensina enfaticamente que existe uma *Unidade Universal*: tudo está conectado a tudo. Não existe separação, exceto em nosso pensamento ilusório.

Uma sociedade, uma cooperação, que consiste apenas de agricultores ou banqueiros, ou apenas diretores, não será capaz de existir nem mesmo por uma semana. Todas as camadas da sociedade são necessárias. Considere que há momentos em nossas vidas em que o encanador é muitas vezes mais importante do que, digamos, o primeiro-ministro. Apegar-se a uma posição na sociedade, qualquer que seja ela, é algo altamente discutível. A diversidade é uma necessidade, mas não justifica a discriminação.

No início do diálogo de Platão, *A República*, ele descreve um estado muito simples, uma espécie de *sangha*, uma comunidade monástica budista. Uma sociedade que consiste em cooperação e troca subjacente. Mas esse estado é rapidamente rejeitado por seu público, como sendo um 'estado de porcos'. Eles querem muito mais do que isso. Segue-se uma lista de desejos e, então, a resposta de Platão é: *então* torna-se uma sociedade realmente complexa.

Os gritos de desespero: a grande falta de direitos à existência

Assim que cooperamos, a pergunta deve ser respondida: qual é o efeito, a influência que temos sobre outros seres? E: queremos permitir que todos tenham liberdade para se desenvolver?

A situação no mundo em geral mostra o contrário. Gritos de desespero podem ser ouvidos em todo o mundo, que podemos descrever como *a falta do direito de existir e de se desenvolver*. Esses gritos vêm tanto de países ricos quanto pobres, das camadas ricas e pobres da sociedade.

É claro que esses gritos têm caracteres diferentes. Os gritos de desespero podem surgir em diferentes níveis e ter características diferentes. Podemos dividir esses níveis abstratamente em três características. Lembre-se, porém, que na

prática vemos geralmente combinações destes três. Essas três características são:

- No *domínio espiritual*: pense na busca da liberdade religiosa (para o significado de religião, veja o relatório do nosso simpósio 'A Religião do futuro'⁽¹⁾), da liberdade de todas as atividades religiosas: aderir à fé ou religião que você deseja. Se este aspecto espiritual está completamente ausente no pensamento das pessoas, elas não têm um propósito na vida.
- No *domínio mental*: aqui, por exemplo, trata-se de lutar pela liberdade de pensamento, ser capaz de ser a pessoa que você é, aderir ao partido político de sua preferência, sua liberdade de consciência.
- No *domínio físico*. Questões importantes aqui são: quanto luxo físico você precisa e quanto luxo você deseja ter; todos têm acesso ao mínimo necessário para viver: comida, água e abrigo?

Podemos viver em situações muito difíceis, mas sempre temos o livre arbítrio para escolher como agir nessas situações.

Quando esses três domínios da vida estão em harmonia?

Todos os três domínios mencionados são necessários na vida cotidiana. Cada um tem seu lugar, cada um tem sua importância.

É um desafio encontrar a harmonia certa entre eles, em vez de priorizar apenas um desses três. Essa harmonia interior é determinada por nós mesmos; não é determinada para nós.

Cada um determina sua própria 'mistura' dessas três características: conscientemente ou inconscientemente.

Deve ficar claro a partir do exposto acima que uma vida harmoniosa é muito mais do que apenas prosperidade física. Considere o lugar que essa tríade ocupa dentro de você e veja se consegue encontrar exemplos de escolhas diferentes na sociedade. Nossas escolhas têm consequências: elas podem criar distúrbios em nosso relacionamento com o ambiente, perturbando a harmonia local.

Mas a ideia central de Platão, que também pode ser encontrada na Teosofia, é a compreensão real da harmonia. A harmonia vista sob essa ótica não é um equilíbrio, uma distribuição adequada de bens materiais, como 'todos têm uma casa' e assim por diante, mas há uma dimensão maior envolvida em uma distribuição harmoniosa, a saber, *que todos podem e devem contribuir com suas qualidades nos três*

domínios da consciência e têm até mesmo a obrigação moral de fazê-lo. Cada um contribui com o que pode, nos três domínios mencionados acima. Para inverter uma afirmação frequentemente citada do cristianismo, cada um tem que carregar uma cruz de acordo com sua força.⁽²⁾

Harmonia na prática

Vou tentar esclarecer isto com um exemplo. Uma empresa que está em harmonia com os três domínios mencionados não é apenas uma empresa agradável para se trabalhar, mas também uma empresa onde todos podem desenvolver-se: não só em termos de competências, mas também mentalmente. Onde cada um ajuda a construir a atmosfera mental certa. Onde todos se ajudam mutuamente a desenvolver uma visão mais profunda da vida. E, acima de tudo, quando se desenvolvem insights mais profundos e maior sabedoria, é natural compartilhá-los, aplicá-los para o benefício de todos – neste exemplo, de todas as pessoas na empresa. Podemos falar de uma obrigação moral de contribuir com nossas habilidades para o bem de todos. Portanto, tal empresa não registra patentes para seu próprio interesse, nem, pela mesma razão, reluta em contribuir com seus insights mais profundos para a sociedade.

Podemos aplicar esse mesmo pensamento no campo internacional. Então, somente quando os países mais sábios e desenvolvidos virem como um dever, algo natural, compartilhar suas qualidades, poderemos falar de uma harmonia global nesses três domínios. Então, não haverá espaço para egoísmo ou interesse próprio.

Você compreenderá que, infelizmente, esse tipo de harmonia ainda está muito longe: uma harmonia em que todos são iguais e assumem responsabilidades de acordo com suas qualidades, em que todos trabalham uns para os outros, estudam uns com os outros, aprendem uns com os outros, compartilham tudo uns com os outros e vivenciam isso como algo obviamente natural.

Áreas de alta e baixa pressão evocam correntes

Quando há harmonia no mundo, há o suficiente para todos. A natureza é inerentemente equilibrada, se pelo menos nós, com nosso comportamento, não criarmos desequilíbrio.

Nosso comportamento humano é como o clima: cria áreas de alta e baixa pressão nos três domínios mencionados aqui, que evocam correntes como consequência natural. A natureza sempre trabalha em prol da harmonia. Lembre-se de que a harmonia não é um equilíbrio aritmético, não é um equilíbrio entre dois extremos, mas uma sociedade

perfeita onde todos têm o que precisam, podem se desenvolver e podem aprender a expressar suas qualidades superiores.

Esses três tipos de correntes ao redor do mundo se comportam da mesma forma que o clima. Áreas de alta e baixa pressão determinam para onde o ar se moverá. Locais de opressão espiritual criam correntes para locais onde há liberdade espiritual. O mesmo ocorre nos outros dois domínios, o físico e o mental. Retire a necessidade de se mover e a corrente diminui.

Sejamos muito claros: algumas correntes nesses três domínios são bastante compreensíveis. Sempre houve movimentos, intercâmbios entre culturas. Nós crescemos, mudamos e vemos novas possibilidades em outros lugares, onde podemos entrar mais em harmonia. Como resultado, vemos correntes graduais emergindo. Mas isso não explica as grandes diferenças de pressão nesses três domínios, que agora vemos no mundo.



Diferenças extremas de riqueza em Mumbai.

Qual é a nossa contribuição para a harmonia ou desarmonia?

Vamos refletir sobre isso por um momento e nos perguntar: *por que* essas enormes diferenças surgem? Participamos das causas? Vivemos de uma maneira que provocamos essas fortes diferenças de pressão e, em caso afirmativo, com que motivo? Por exemplo, fabricando e exportando produtos que aumentam essas mesmas diferenças de pressão ou incentivam a mentalidade errada?

Também é possível cooperar uns com os outros de forma a partilhar as riquezas nos três reinos, sem agir em detrimento dos outros. Trabalhamos juntos e, dessa cooperação, cada um aprende as suas lições, pelo que todos beneficiam. A grande lei do equilíbrio eterno (também chamada *karma*) implica que a natureza está fundamentalmente em

harmonia, em equilíbrio. Se assumirmos isso, podemos concluir que onde vemos riqueza extrema, onde a riqueza é obtida às custas dos outros, também deve ocorrer pobreza extrema. Se usamos mais do que a parte a que temos direito, podemos concluir que estamos causando um déficit em outros lugares.

Isso se aplica a todos os três domínios, incluindo os domínios mental e espiritual. Também deve haver equilíbrio, harmonia no plano mental. E isso só acontece se houver uma troca entre as ‘áreas de pressão mental’ superiores e inferiores, uma diminuição da diferença de pressão, trazendo sempre sabedoria onde ela falta. No reino religioso, a mesma visão se aplica. Religião significa ‘tornar-se um novamente’. O que poderia ser melhor do que ter uma troca uns com os outros para expandir nossa compreensão de como vemos a restauração da unidade?

Antes de entrarmos em uma discussão sobre como dividir as coisas, devemos perceber que a atitude a partir da qual agimos é fundamental. Uma vez que trabalhamos com compaixão, uma vez que fazemos tudo pelo bem comum, os desequilíbrios desaparecem. Então, não nos preocupamos apenas com nosso próprio desenvolvimento espiritual, a partir da ideia de ‘deixar os outros serem o que são’, mas trabalhamos juntos para ajudar todos os outros no campo espiritual.

A questão mais importante é, portanto: assumimos nossa responsabilidade para com os outros?

Forçamos, motivamos nossos semelhantes ao egoísmo? A resposta à pergunta do título é sim. Estamos conscientes de que criamos áreas de pressão mais alta e mais baixa? Talvez façamos isso inconscientemente, sem perceber as consequências de nossas ações. Ou fazemos isso conscientemente, quando não nos importamos com o destino das outras pessoas.

As pessoas bem educadas, as chamadas ‘classes intelectuais’, deveriam ser as primeiras a estender a mão fraterna aos menos afortunados, aos discriminados, para quem a luta pela existência é quase impossível. Essa classe superior deveria estar comprometida com o todo. Mas a classe intelectual superior está mais preocupada em travar uma batalha intelectual entre si, em vez de se concentrar em soluções para a classe baixa.

Nesse sentido, vale a pena citar o seguinte trecho de *Visão do Chohan sobre a Sociedade Teosófica*:

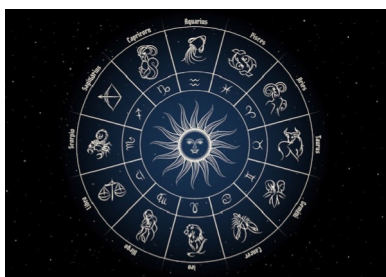
Essas ‘classes intelectuais’, reagindo às massas ignorantes que atraem e que as admiram como exemplos nobres e dignos de serem seguidos, degradam e arruinam moralmente aqueles que deveriam proteger e guiar. Entre a superstição degradante e o materialismo brutal ainda mais degradante, a pomba branca da verdade mal tem espaço para descansar seus pés cansados e indesejados.⁽³⁾

Muitos pensadores influentes exercem atualmente uma influência degradante sobre seus semelhantes, porque exigem uma espécie de docilidade cega à sua autoridade ou – sem ter examinado cuidadosamente essa visão – propagam um materialismo dominante, onde dificilmente há espaço para a fraternidade universal, a compaixão e uma visão espiritual que sustenta a estrutura fundamental da fraternidade universal.

Daí o apelo: *não vivam às custas do todo, mas para o enriquecimento do todo!*

Referências

1. Relatório do Simpósio ‘A religião do futuro. Conectando-se através da sabedoria, compaixão e paz’. Em: *Lúcifer – o Portador da Luz*, número 1, março de 2024.
 2. *Bíblia. Novo Testamento*. 1 Coríntios 10:13.
 3. *Visão do Chohan sobre a T.S.* (Fonte, por exemplo: <https://www.theosophy-nw.org/theosnw/theos/th-choh.htm>; última verificação do URL: 22/01/2025).
-



Pensamentos-chave

» A astrologia era originalmente uma *ciência* combinada com a astronomia, pois baseava-se em conhecimentos meticolosos.

» O maravilhamento, a intuição, a experiência prática e o interesse científico motivaram muitas pessoas a estudar as influências celestes.

» A astrologia antiga era uma parte importante da Sabedoria Universal (a 'Teosofia') e era ensinada a discípulos bem preparados sob sigilo absoluto. A astronomia era um aspecto da astrologia.

» As ideias básicas da Teosofia oferecem-nos uma explicação coerente do facto de que *existem* influências celestiais e de como funcionam. Nisto, o *livre arbítrio* do homem é fundamental.

» A forma como uma sociedade lida com o conhecimento astrológico depende inteiramente do egoísmo ou altruísmo daqueles que o aplicam.

Os fundamentos da astrologia

Pistas para entender astrologia

Este artigo é o primeiro de uma série, na qual explicamos a natureza e o valor da astrologia. E por 'astrologia' entendemos algo bem diferente dos horóscopos superficiais de jornais ou revistas. A série é baseada em quatro palestras que Joop Smits deu sobre este assunto 2020.⁽¹⁾

Neste artigo, lançamos as bases para toda a série sobre astrologia. Esboçamos um quadro geral, um conjunto coerente de ideias teosóficas, que preencheremos com mais detalhes nos artigos seguintes. Neste primeiro artigo, discutimos as origens e o alcance da astrologia antiga, as várias razões pelas quais as pessoas se interessam pela astrologia, a relação entre astrologia e astronomia, as ideias básicas necessárias para compreender o funcionamento das influências cósmicas e o valor que a astrologia *poderia ter*.

Nos próximos artigos, aprofundaremos vários subtópicos, incluindo 'o que são as constelações do zodíaco e quais são suas influências', 'quais influências emanam de quais corpos celestes', 'como podemos explicar os horóscopos de nascimento e os horóscopos preditivos' e 'quais insights morais e éticos podemos derivar desse conhecimento'.

A antiguidade da astrologia

Todos os povos antigos consideravam o sol, a lua, as estrelas e os planetas

com profundo respeito, e a maioria dos povos também estudava sua natureza e movimentos. Eles faziam isso porque estavam convencidos de que os corpos celestes eram veículos de seres vivos, de inteligências cósmicas, que exercem uma influência muito grande na vida da humanidade. Existem inúmeras indicações de que este conhecimento era muito apreciado pelos antigos egípcios, gregos, caldeus, povos indianos, celtas, romanos, assírios, povos chineses e também por muitos povos das Américas.⁽²⁾

Hoje conhecemos esse estudo com o nome de 'astrologia'. A palavra latina



No século XVIII, o mahārāja Jai Singh II construiu cinco grandes observatórios astronômicos de pedra ('Jantar Mantars'). O rāja tinha grande interesse por matemática, arquitetura e astronomia. O observatório acima fica em Deli, na Índia.

‘astrologia’ significa literalmente ‘a ciência das estrelas’ ou, mais precisamente, a ciência das influências dos corpos celestes. A astrologia, em sua forma original não degenerada, é uma ciência, ou seja, baseada em um conhecimento metódico. Era aplicada principalmente para servir aos interesses mais elevados de toda a comunidade, ao desenvolvimento espiritual e mental de toda a humanidade.

O interesse pela astrologia ainda é forte, mesmo hoje em dia. Pelo que sabemos, nenhuma política é mais baseada nela, mas um grande grupo de pessoas se dedica a ela – apesar de alguns cientistas a questionarem.⁽³⁾ De onde vem esse interesse? Ao responder a essa pergunta, descobriremos que a astrologia inclui muito mais do que as colunas dos jornais com seus clichês muitas vezes superficiais. E que é também muito mais do que o desenho de mapas astrais de pessoas individuais, como é frequentemente feito hoje em dia, com mais ou menos conhecimento.

Por que as pessoas se interessam por astrologia?

O interesse pela astrologia pode ter origem em:

Maravilhamento

Quase todas as pessoas sentem admiração quando olham para o céu noturno em um momento de silêncio. Você então se sente ‘elevado’ por um momento, longe de todas as suas preocupações pragmáticas. Pode até ser que você perceba e experimente algo de um mundo muito mais espiritual e cósmico em que vivemos e com o qual, consequentemente, temos uma profunda conexão.

Intuição

Como mencionado, muitos povos no passado viam os corpos celestes como corpos de seres divinos e celestiais, que exercem sua influência sobre a Terra e ‘observam ativamente’, por assim dizer, os estágios do desenvolvimento da humanidade. Eles tinham a intuição de que o Cosmos é fundamentalmente ordenado, cheio de ordem, mesmo que não compreendessem essa ordem em detalhes. E o mesmo se aplica às pessoas mais intuitivas de hoje.

Conhecimento empírico

Outra razão para o interesse de longa data pelas influências celestes é a experiência prática: o conhecimento empírico. Sabe-se que a germinação e o crescimento das plantas estão relacionados com as estações do ano (influência solar), as fases da lua e os signos do zodíaco. Portanto, esse conhecimento é necessário para todas as sociedades. Com base nisso e em muita experiência, foram elaborados calendários agrícolas. Os biólogos observam que alguns animais reagem de maneira muito precisa às fases da lua. Profissionais

da área da saúde percebem que, por volta da lua cheia, algumas pessoas têm menos controle emocional; assim, irritações terminam mais rapidamente em brigas e lesões físicas. Se você trabalha em um pronto-socorro, pode notar esses picos periódicos.

Pesquisa científica

Sempre houve cientistas com grande interesse nas influências dos corpos celestes. Às vezes, eles conseguiram provar com dados concretos que existe uma correlação entre essas influências e os eventos no mundo humano. Citamos como exemplos: o surto cíclico da doença da batata no século XIX: descobriu-se que estava relacionado ao ciclo das manchas solares.⁽⁴⁾ O mesmo se aplica a todos os eventos violentos no cenário mundial, como guerras e revoluções, quando investigamos esses eventos de 1749 a 1920 (veja o gráfico anexo).

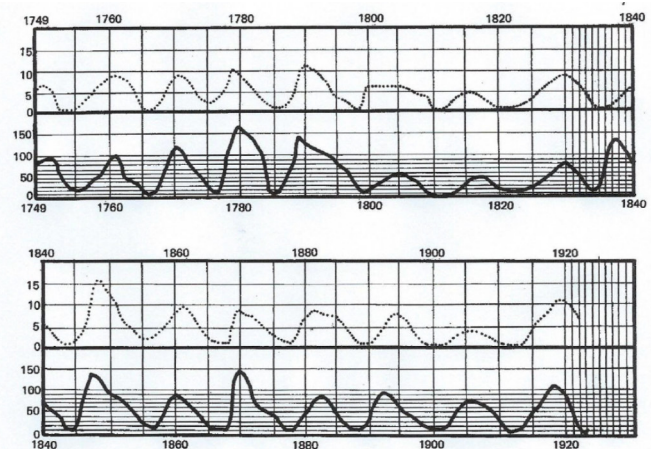


Fig. 4: PARALLELISM OF THE CURVES OF SUNSPOT ACTIVITY (BELOW) AND THE UNIVERSAL HUMAN MILITARY, POLITICAL ACTIVITY (ABOVE) FROM 1749 TILL 1922.

Número de eventos violentos importantes no cenário mundial (gráfico superior) plotados em relação ao ciclo das manchas solares (gráfico inferior), no período de 1749 a 1920, conforme investigado por Alexander Chizhevsky.⁽⁵⁾

O que é astrologia?

Para responder a essa pergunta, devemos distinguir entre a astrologia moderna e a astrologia que tem sido e é praticada pelos estudantes da Sabedoria Universal, da Teosofia, que é a base essencial de todas as grandes religiões, filosofias e ciências.

O conhecimento astrológico original, que é muito profundo, ainda existe. Esse conhecimento é preservado e transmitido pela Loja da Sabedoria e Compaixão, que consiste nos seres humanos mais desenvolvidos, sábios e compassivos. Eles trabalham juntos em uma parceria muito estreita. As partes mais profundas de seu conhecimento do cosmos eram e sempre foram secretas. Esse con-

hecimento é mantido em sigilo absoluto, porque pode ser seriamente abusado por pessoas que o interpretam erroneamente e ainda não desenvolveram a aptidão ética necessária. Basta pensar em todas as formas de abuso potencial para ganho próprio. No entanto, fragmentos desse conhecimento às vezes vazaram.

O que é essa astrologia *original*? Gottfried de Purucker escreve sobre isso: é o estudo das ‘almas das estrelas’ ou, em outras palavras, a natureza e a influência das consciências cósmicas que atuam através dos corpos celestes.⁽⁶⁾ Isso inclui o conhecimento de todos os habitantes desses corpos celestes. De Purucker explica que a astrologia antiga é ‘a ciência das relações das partes da Natureza Cósmica entre si e, mais particularmente, como essa ciência aplicada ao homem e ao seu destino, conforme determinado pelos orbes celestes’. A astrologia antiga não é simplesmente uma teoria, mas ‘uma sabedoria verdadeira e profunda sobre a evolução da divindade para dentro e através da matéria, e sobre a alma humana e o espírito humano’.⁽⁷⁾

Na verdade, é totalmente exata e científica (mas acima de tudo religiosa e filosófica). H.P. Blavatsky explica: é infalível, sob a condição de que aqueles que a interpretam sejam igualmente infalíveis. Mas esta última condição, acrescenta ela, é muito difícil de realizar e, portanto, é frequentemente a grande limitação.⁽⁸⁾

O que hoje conhecemos como astrologia *moderna* consiste apenas em alguns aspectos desse conhecimento antigo, que se tornaram públicos. A astrologia moderna surgiu, portanto, de apenas alguns pequenos fragmentos da astrologia antiga. Falta o quadro geral. Consequentemente, muito do que os astrólogos de hoje dizem – mesmo que sejam honestos e sinceros, e muitos astrólogos são – são suas próprias tentativas de interpretação. O valor de suas afirmações e previsões depende inteiramente da profundidade de sua compreensão, e esta varia muito.

Como a astrologia se relaciona com a astronomia?

Já mencionámos: a verdadeira astrologia lida com a *alma* das estrelas, enquanto a astronomia lida apenas com os globos materiais observáveis: as suas órbitas, ciclos e todas as mudanças nos seus movimentos. A astronomia na antiguidade era uma parte, uma pequena parte, da astrologia.⁽⁹⁾ Era necessária para descrever o campo espiritual das forças, em qualquer momento, ou seja, as mudanças cíclicas das influências dos seres cósmicos.

Os astrônomos de hoje geralmente se mantêm longe da astrologia atual – e isso é compreensível se eles só conhecem

os horóscopos da mídia como exemplos. No entanto, é notável que os astrônomos já tenham coletado muitas indicações da existência real de *esferas de influência* ao redor dos corpos celestes. Damos alguns exemplos. A *heliosfera* do sol inclui a região onde o vento solar é o fluxo dominante de partículas. Ela contém canais de partículas emitidas. Este gigantesco campo de força esférico abrange amplamente todas as órbitas planetárias conhecidas. Poderosas explosões do sol influenciam a Terra: elas podem perturbar gravemente nossas comunicações com satélites e nossa rede elétrica. A *influência da lua* sobre a maré é bem conhecida. E o planeta Júpiter tem um *campo gravitacional* tão poderoso que atrai para si muitos corpos que invadem nosso sistema solar vindos do espaço sideral. Na verdade, Júpiter protege os planetas localizados dentro de sua órbita ao redor do sol, incluindo a Terra. Ele forma um cinturão protetor. Você pode chamá-lo corretamente de esfera de influência.

E há a teoria astronômica do ganhador do Prêmio Nobel (1970) Hannes Alfvén, de que as interações entre os corpos celestes são mais fáceis e mais precisamente explicadas se você assumir que eles produzem *campos elétricos e magnéticos* poderosos e de longo alcance, em vez das explicações atuais baseadas apenas na gravidade.⁽¹⁰⁾ Infelizmente, essa teoria dos campos de atração e repulsão não foi suficientemente investigada. Mas a ideia por trás dela não é nada estranha. Pois podemos constatar por nós mesmos que o princípio é uma lei geral. Em toda parte vemos que os seres influenciam uns aos outros por atração e repulsão, por exemplo, nas relações entre as pessoas.

Todas essas são indicações do fato de que todos os corpos celestes irradiam esferas de influência poderosas ao seu redor. A astrologia acrescenta: essas esferas de influência envolvem não apenas aquelas que podem ser medidas por nossos instrumentos materiais, mas também esferas de influência psíquicas e espirituais.

Sempre houve cientistas intuitivos nos séculos passados que se sentiram atraídos pela astrologia e a estudaram seriamente. Alguns exemplos do passado são: Isaac Newton e Johannes Kepler. Eles estabeleceram bases importantes para a física e a astronomia atuais, portanto, certamente não podem ser chamados de ‘pequenos’. Alguns exemplos recentes de cientistas que estudaram astrologia são: os estatísticos Michel e Françoise Gauquelin, o psicólogo Hans Eysenck e o filósofo Richard Tarnas.

O que constitui a base da astrologia?

A base da astrologia – a original – é a Sabedoria Universal ou Teosofia. Esta astrologia inclui o conhecimento dos

planos internos e externos do kosmos e dos seus habitantes, bem como, além disso, os ciclos de crescimento pelos quais passam. Este conhecimento era uma parte importante dos ensinamentos ministrados nas escolas esotéricas, as 'Escolas de Mistérios'.⁽¹¹⁾ Essa Sabedoria era transmitida a alunos adequados, para que estes pudessem se desenvolver e se tornar forças inspiradoras e compassivas dentro da humanidade. Os instrutores e discípulos estavam vinculados a um voto de sigilo muito rigoroso.

Graças à disseminação mundial das ideias teosóficas fundamentais por H.P. Blavatsky e seus sucessores, desde 1875, o conhecimento dos fundamentos da verdadeira astrologia está agora disponível para qualquer pessoa que estude seriamente a Teosofia. Neste artigo, apresentamos al-

guns dos princípios fundamentais a partir dos quais toda a astrologia evoluiu e pelos quais ela pode ser compreendida. Nos próximos artigos, iremos aprofundar essas ideias centrais, subtópico por subtópico.

O cosmos é uma comunidade de vida

O primeiro princípio é a Unidade: *tudo está vivo e tudo está conectado*: ser a ser e mundo a mundo. Todas as coisas têm alma, ou em outras palavras, há uma consciência, um ser, trabalhando através delas. Isso se aplica a um planeta, uma estrela e uma galáxia, e a todos os seres que vivem dentro da esfera desses seres cósmicos.

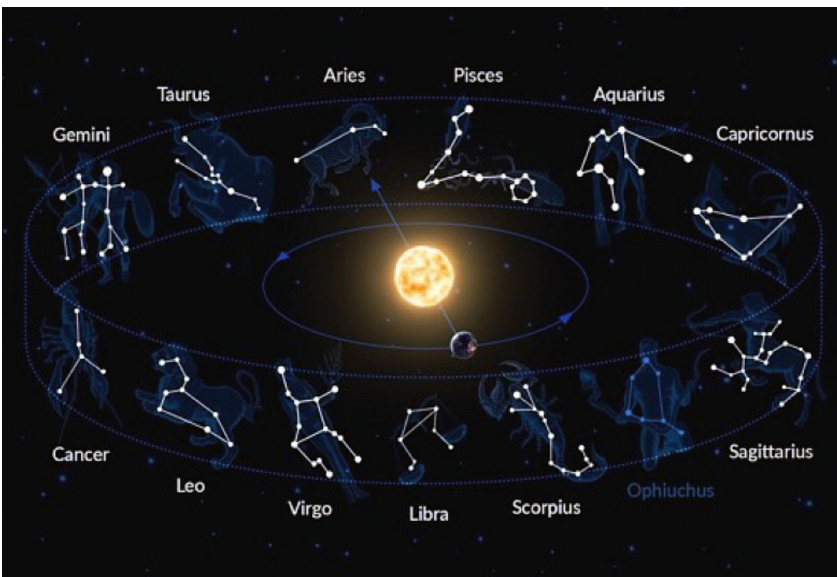
Todos os seres fazem parte de um Princípio Sem Limites: da vida *Una* que tudo abrange. Eles são as manifestações

individuais desse Princípio. Por essa razão, eles são imperecíveis e ilimitados em sua essência. Nosso ciclo de vida físico atual, nossa encarnação atual, nada mais é do que uma fase de crescimento em um processo incessante de crescimento.

Daí decorre diretamente que todos os seres, grandes e pequenos, têm o mesmo valor. Existe uma *igualdade* fundamental e incondicional de tudo o que vive. Não importa quão grandes sejam as diferenças no estágio evolutivo, todos os seres são igualmente a expressão da Vida Infinita. Se esse pensamento penetrasse no coração e na mente da humanidade atual, como seria diferente a forma como nós, seres humanos, interagiríamos uns com os outros – e com os animais e as plantas?

Conexão fundamental e interação universal

Então, o segundo princípio: devido a essa unidade subjacente, todos os seres estão conectados entre si. Eles formam um todo. Essa conexão pode ser direta ou indireta, mas está sempre presente. Assim, formamos uma comunidade cósmica de seres que influenciam uns aos outros constantemente. Por exemplo, cada um de nossos pensamentos e ações afeta nossos semelhantes – e, na verdade, toda a comunidade cósmica.



As constelações do zodíaco, o sol e os planetas são fontes importantes e transformadores das influências cósmicas que atuam na Terra. Essas influências emanam das inteligências cósmicas orientadoras que atuam através desses corpos celestes.

E, por sua vez, todos esses seres cósmicos nos afetam. A conexão implica interação constante. Por exemplo: hoje percebemos de forma muito pronunciada que tudo o que acontece em um país tem influência sobre todos os outros. Mas essa interação contínua e recíproca não se aplica apenas à humanidade, mas também a todas as relações entre seres altamente desenvolvidos e menos desenvolvidos, como as que existem entre os planetas – que são seres como nós – e a humanidade terrestre. Só graças a essas interações é que nossa consciência pode funcionar e podemos aprender, desenvolvendo gradualmente as potencialidades da nossa consciência. E nesse processo evolutivo, as influências das constelações do zodíaco, do sol e dos planetas desempenham um papel e uma função muito particulares. Falaremos muito mais sobre isso nos próximos artigos. Como essas influências planetárias podem chegar até nós? Aos olhos humanos, os planetas parecem tão distantes da Terra... A explicação está na estrutura hierárquica do cosmos. Cada ser faz parte de um ser maior e é, ele próprio, a consciência abrangente dentro da qual vivem inúmeros seres subordinados. Assim, nós, seres humanos, vivemos na esfera de influência do planeta Terra, e não apenas do nosso próprio planeta, mas também dos planetas Saturno, Júpiter, Marte, Vênus, Mercúrio, o Sol, a Lua e as constelações do zodíaco. Todas essas esferas de influência se permeiam, assim como as ondas de rádio de inúmeras estações de rádio se permeiam. Embora vivamos na nossa Terra, vivemos simultaneamente nas esferas desses outros seres cósmicos e, por isso, temos tudo a ver com as *suas* influências.

Por que é que cada planeta tem uma influência diferente?

À imagem descrita, devemos acrescentar este ponto importante: cada ser construiu um caráter específico e único durante inúmeras renascimentos, e esse caráter determina a natureza – a ‘cor’ ou ‘frequência’ – da sua esfera de influência.

Como todos sabemos pela prática, cada ser humano tem um caráter único. A forma como influenciemos nossos semelhantes – se os encorajamos a cooperar e crescer em compreensão ou, ao contrário, encorajamos uma mentalidade de ‘cada um por si’ e um pensamento coletivo isolado – depende do que realmente somos *internamente*, não do que aparentamos ser externamente.

O mesmo se aplica a todos os seres, pequenos ou grandes. E, portanto, também a um ser planetário como Vênus. Esse ser cósmico tem uma natureza específica, uma ‘frequência’ específica. Portanto, o campo de força que ele

emite, e no qual também vivemos, tem essa mesma característica. É uma influência que pode estimular *ossos* ‘poderes de Vênus’ se estivermos abertos a ela. E quando estamos abertos a ela? Isso nos leva ao próximo bloco de construção teosófico:

Quais influências experimentamos e quais não experimentamos?

Quais influências ‘entram em nós’, ‘nos tocam’ e quais não? Até que ponto as influências dos vários planetas nos afetam como seres humanos individuais?

A ideia básica é: só podemos experimentar aquelas influências que têm uma característica *correspondente* a um aspecto de nosso próprio caráter. Por exemplo, se desenvolvemos uma inclinação intelectual, estamos muito mais abertos às influências cósmicas intelectuais do que alguém que é fortemente emocional. Uma pessoa emocional estaria fortemente aberta à influência da lua – uma influência tipicamente emocional. Enquanto alguém que está acostumado a ver todas as coisas de maneira prática não notaria nada das influências lunares em mudança.

Podemos controlar e direcionar as influências cósmicas?

Então surge a seguinte questão: somos determinados pelas influências cósmicas ou temos sempre a escolha de segui-las ou ignorá-las? Aqui chegamos a um ponto muito importante se quisermos compreender a astrologia. Há um antigo ditado astrológico que diz: ‘as estrelas inclinam, mas não obrigam’. Nós, seres humanos – porque somos ilimitados no nosso âmago mais profundo – temos livre arbítrio. Mesmo em situações em que estamos acostumados a reagir de uma determinada maneira, sempre podemos mudar nosso hábito reagindo de forma diferente hoje. Desde que usemos nossa força de vontade – desde que realmente queiramos mudar. Portanto: as estrelas inclinam, mas não obrigam.⁽¹²⁾

Vamos dar um exemplo. Em certos períodos, nosso planeta está sob a influência de um grande influxo de vitalidade. Suponhamos que somos ‘fazedores’ habituais, descobrindo regularmente apenas *depois de* nossas ações se elas foram sensatas ou não. As influências cósmicas que aumentam o nível de energia vital na Terra (como períodos de máxima atividade solar) exacerbam essa característica em nós, a menos que nos conscientizemos disso e percebamos a importância – contra nosso primeiro impulso – de primeiro contar até dez, dormir sobre o assunto por uma noite e depois agir. Ao mesmo tempo, em pessoas hesitantes, essa

mesma influência vital pode dar-lhes o ímpeto para tomar uma decisão importante. Portanto, essa influência não é em si mesma positiva ou negativa: se ela funciona de forma harmoniosa ou desarmoniosa é determinado pela maneira como a usamos.

Todos têm essa liberdade. É *nossa* liberdade de escolha usar as forças cósmicas de forma egoísta ou altruísta. Assim como podemos usar o fogo para cozinhar, mas também para iniciar incêndios. As influências cósmicas em si são sempre neutras, nunca boas ou más. Quer estejamos conscientes disso ou não, somos nós mesmos que dirigimos essas forças da natureza. Podemos canalizá-las e direcioná-las para fins benéficos, aplicando-as para o bem-estar de todos os seres que conhecemos. Quanto mais conscientemente lidamos com elas, mais rapidamente despertamos os potenciais de discernimento e compreensão em nossa consciência e nos tornamos mais sábios na vida.

Qual é a utilidade do conhecimento astrológico?

O uso do estudo da astrologia depende da qualidade da ‘astrologia’ que estudamos e se realmente compreendemos seus princípios, ou seja, se podemos compreendê-la a partir de uma filosofia de vida abrangente sobre a natureza do kosmos e do homem. Nosso objetivo é dar algumas pistas para essa filosofia de vida, escrevendo esta série de artigos sobre Teosofia e Astrologia. Usando essas pistas, você será capaz de construir por si mesmo uma visão sobre nosso lugar e tarefa como seres humanos na vida cósmica e nas funções específicas que os seres cósmicos cumprem na evolução da humanidade terrena, durante todas as fases de desenvolvimento da humanidade.

Acima, também falamos do conhecimento empírico que foi coletado por inúmeros povos e que foi transmitido, em certa medida, até os dias de hoje. Por exemplo, o conhecimento das influências celestiais e cíclicas no crescimento das plantas. Para um agricultor, o significado do conhecimento das constelações celestes é evidente: faz uma enorme diferença semear na época certa ou não. O mesmo se pode dizer de qualquer pessoa que lida diariamente com pessoas, como cuidadores, policiais, professores: é útil levar em consideração os períodos em que as emoções podem se inflamar mais rapidamente.

Muitas pessoas mandam traçar seu horóscopo natal para aprender a conhecer seu próprio caráter. Embora não neguemos que isso seja realmente uma porta de entrada para algum autoconhecimento – se o astrólogo tiver certa experiência e objetividade – também é verdade que podemos

aprender a conhecer nossas próprias características de pensamento de forma muito mais direta, desenvolvendo nosso poder de discernimento e avaliando regularmente nosso pensamento. As instruções para essa investigação direta, que pode levar ao verdadeiro autoconhecimento, são dadas em nosso curso ‘Sabedoria Universal’.

Uma maior compreensão da astrologia também pode nos dar uma visão crescente da grande diversidade de caracteres humanos. Perceberemos que tendemos a ver as coisas a partir de nossas características, através de nossos óculos coloridos. Isso nos encoraja a abrir nossa mente para outras perspectivas; perspectivas das quais podemos, sem dúvida, aprender muito. Você apreciará a contribuição específica de cada pessoa, na família, no trabalho ou em qualquer outra colaboração.

O papel que a astrologia *pode* desempenhar

Em nossa opinião, a verdadeira astrologia, se mantida em mãos seguras e altruístas, pode ser de grande benefício para toda a humanidade no futuro. Para dar apenas um exemplo: os líderes mundiais – se ouvirem esses sábios astrólogos – podem fazer o que Lao Tzu aconselhou: fazer grandes coisas enquanto elas ainda são pequenas.⁽¹³⁾

Isso requer uma visão profunda de todos os desenvolvimentos. Qual é o momento certo para uma ação ou impulso compassivo específico, para que ele possa ter o máximo de influência? Na história dos países, há regularmente breves momentos em que esses países, que geralmente se veem como concorrentes, estão abertos à cooperação, à consulta igualitária – momento em que os problemas de todos poderiam ser discutidos e resolvidos com atenção. Em nossa opinião, esses ‘momentos de ouro’ quase sempre são perdidos no momento. Mas isso não é necessário.

De forma mais geral, através do uso sábio da verdadeira astrologia, todos os grupos humanos serão capazes de utilizar as influências cósmicas para o bem-estar de toda a comunidade mundial.

Referências

1. Estas quatro palestras foram proferidas em holandês (Fonte: [blavatskyhouse.org/uploads/files/Catalogi/Catalogus-2024-TSPL-v3-Lezingen-2010-2024-\(Nederlands\).pdf](http://blavatskyhouse.org/uploads/files/Catalogi/Catalogus-2024-TSPL-v3-Lezingen-2010-2024-(Nederlands).pdf)).
 2. Sobre os observatórios pré-colombianos nas Américas: muitas informações podem ser encontradas na internet, por exemplo, no ScienceAlert (www.sciencealert.com/the-oldest-known-astronomical-observatory-in-the-americas-long-predates-the-incas) e no portal da UNESCO sobre o patrimônio da astronomia (web.astronomicalheritage.net/show-theme?idtheme=8).
 3. Veja, por exemplo, a *Wikipedia* em inglês, entrada 'Astrology', seção 'Scientific analysis and criticism'.
 4. H.P. Blavatsky, Stars and numbers, [Estrelas e números]. Artigo em: *The Theosophist*. volume II, número 9, junho de 1981, p. 199-201. Em: H.P. Blavatsky, *Collected Writings. Volume III*. Wheaton, The Theosophical Publishing House, 1982, p. 193 (e nota de rodapé).
 5. A.L. Tchijevsky, Physical factors of the historical process, [Fatores físicos do processo histórico]. Artigo em: *Cycles*. Janeiro de 1971, p. 11-27. (Fonte: Cycles Research Institute, cyclesresearchinstitute.org/pdf/cycles-history/chizhevsky1.pdf). Ver também a *Wikipedia* em inglês, lema 'Alexander Chizhevsky'.
 6. G. de Purucker, *The Dialogues of G. de Purucker. Volume I*. Covina, Califórnia, Theosophical University Press, 1948, p. 13. (Ata estenográfica das reuniões do Katherine Tingley Memorial Group).
 7. G. de Purucker, *Fundamentos da Filosofia Esotérica*, p. 207. (Fonte: blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/).
 8. H.P. Blavatsky, *Ísis Sem Véu. Volume I*. Várias edições, p. 259 (edição original em inglês).
 9. Ver ref. 8, p. 224.
 10. Joop Smits, 'Emanation and Fohat as the fundament for the electric universe' [Emanação e Fohat como fundamento do universo elétrico]. Artigo em: *Lucifer – the Light-bringer*, número 1, março de 2015, p. 20-30.
 11. Para uma explicação concisa das Escolas de Mistérios, ver: G. de Purucker, *Occult Glossary*. 1ª edição. Point Loma, Califórnia, Theosophical University Press, 1933, lema 'Astrology', 'Esoteric doctrine' e 'Ethics'. (Fonte: blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/). Veja também a palestra de Herman C. Vermeulen em inglês, 'The Mystic Birth of the human soul in esoteric traditions', segunda parte, 'What are Mystery Schools, and how they work'. Data: 19 de dezembro de 2021. (Fonte: [https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Catalogs/Catalogus-2024-TSPL-v3-Lectures-2015-2024-\(English\).pdf](https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Catalogs/Catalogus-2024-TSPL-v3-Lectures-2015-2024-(English).pdf)).
 12. G. de Purucker, *The Dialogues of G. de Purucker. Volume III*. Covina, Califórnia, Theosophical University Press, 1948, p. 324-327. (Ata estenográfica das reuniões do Katherine Tingley Memorial Group).
 13. Lao Tzu, *Tao Teh Ching*. Várias edições, versículo 63.
-

Perguntas que as crianças fazem, part 4

Como criamos o maravilhamento?

Nas partes anteriores desta coluna, explicamos que as crianças fazem perguntas para aprender a compreender o mundo ao seu redor. Ao fazer perguntas e procurar respostas, as crianças expandem sua consciência e também treinam suas habilidades de raciocínio.

Durante uma das palestras da Sociedade Teosófica Point Loma (TSPL) em janeiro, um ouvinte fez as seguintes perguntas sobre este tema:

As crianças pequenas têm um impulso interior de fazer perguntas. Algumas perguntas são perguntas da vida real. Não vemos mais muitas crianças mais velhas e adultos fazendo isso, especialmente quando estão em grupos. Por que paramos de fazer perguntas e como podemos ajudar a despertar essa habilidade essencial em nosso desenvolvimento? E como você muda isso em si mesmo, quando está em uma situação em que poucas pessoas se atrevem a falar?

A resposta a estas perguntas é bastante complexa. Os seguintes pensamentos teosóficos importantes podem ajudar-nos a respondê-las:

Karma

O primeiro pensamento a considerar é que o karma opera em todas as encarnações. A causa de um evento pode ter origem nesta vida, mas também pode muito bem estar numa vida passada. Atualmente, não nos lembramos desses eventos de vidas passadas, por isso eventos inesperados ou indesejados são frequentemente considerados azar ou injustificados. No entanto, nada na vida é uma coincidência. Nós mesmos plantamos as sementes e, pouco a pouco, temos a chance de colher as consequências.

Autorrealização

Um segundo pensamento importante que devemos ter em



mente é que, durante encarnações anteriores, construímos nosso próprio caráter. Nossas vidas passadas determinam exatamente quem somos quando nascemos. Quando renascemos, *desenvolvemos* ainda mais os traços que construímos até então. Desdobramos nosso caráter.

Uma criança não é mais nem menos do que aquilo que desenvolveu e construiu em vidas anteriores. Se antes fosse uma pessoa espiritual e levasse em consideração outras esferas de consciência, seria de se esperar que ela fizesse mais perguntas sobre a vida. Se era uma pessoa focada principalmente na matéria e que negava outras áreas da consciência, poderíamos esperar menos ou nenhuma pergunta sobre esses assuntos.

No entanto, em muitas crianças, quase sempre vemos o desejo de aprender. Quase nunca há crianças que não querem aprender a ler ou a amarrar os sapatos. Isso é lógico, porque se não tivessem esse desejo, não teriam nascido. Então, ainda estariam descansando no Devachan, a esfera em que residimos antes do nosso nascimento. Elas querem retornar à existência exterior para se tornarem elas mesmas novamente.

Geralmente, dizemos que precisamos dos primeiros vinte e um anos de nossa vida para desenvolver as habilidades e conhecimentos que adquirimos em nossas vidas anteriores. Uma criança aprende tão rápido porque, até os vinte e um anos, ela reativa o entendimento já adquirido, lembra-se dele, assim como fazemos todas as manhãs (muito rapidamente) quando nos lembramos de todas as coisas que fizemos no dia anterior.

O que aprendemos depois dos 21 anos exige sempre mais esforço, porque é 'realmente novo'. Quando somos bebês, esses traços ainda não são tão visíveis, mas quanto mais envelhecemos, mais dominantes se tornam os traços acumulados. Mostramos cada vez mais o nosso próprio caráter. É claro que, mesmo nesse período, o caráter pode ser desenvolvido ainda mais, afinal, existe o livre arbítrio.

Nós determinamos onde nascemos

O próximo pensamento que desempenha um papel na resposta às perguntas é que nossas características acumuladas determinam em qual família nascemos. Isso acontece com base em uma certa atração. Essa atração pode ser uma combinação de natureza positiva e negativa. Portanto, não acabamos em uma família por acaso; escolhemos os pais com quem estabelecemos um vínculo kármico. Nascemos onde podemos nos tornar nós mesmos, na medida do nosso próprio desenvolvimento. Você sempre nasce onde as causas passadas o levaram. Você tem uma atração por isso.

Nosso ambiente consiste em mais do que apenas nossos pais. Avós, tios e tias, professores, vizinhos e amigos também têm papéis importantes no desenvolvimento do nosso caráter. Um bom professor ou um avô dedicado pode, às vezes, ter uma influência muito maior no desenvolvimento de uma criança do que um dos pais. Por isso, uma expressão comum é: 'É preciso uma aldeia para criar uma criança'. O maravilhamento é o estado de flutuar entre o saber e o não saber. Você tem uma ideia de que algo está lá, mas ainda não sabe o que é, e isso o deixa curioso. O maravilhamento abre a porta para o insight.

Quando uma criança ainda não desenvolveu a característica do maravilhamento, é bem possível que ela acabe com pais ou em um ambiente em que isso também não seja desenvolvido. Ou, se a criança tem esse desejo, ela acabará em uma família ou ambiente que desenvolveu o maravilhamento. Ambos são resultado das características desenvolvidas pela criança.

Se uma criança não faz muitas perguntas por conta própria, porque o desejo de entender mais sobre a vida ainda não foi firmemente construído, e ela acaba em um ambiente em que isso também não acontece, então o maravilhamento só surgirá em uma encarnação subsequente ou talvez mais tarde na vida. Se for atraída por pais que sabem como despertar e acender a chama, a criança começará a fazer perguntas e um mundo se abrirá para ela.

Quando uma criança que se maravilha e faz perguntas sobre a vida é ignorada ou desencorajada pelo seu ambiente a tal ponto, essa característica pode ficar bloqueada para o resto da vida. Dependendo da força dos padrões de pensamento opostos do ambiente, pode levar uma ou mais encarnações para que isso recomece. Mas também pode muito bem começar mais tarde nesta vida.

Diferentes fontes de inspiração em diferentes momentos

Portanto, o fato de uma criança pequena não fazer perguntas sobre a vida não significa que nunca o fará. É bem possível que só comece a fazê-lo mais tarde, por exemplo, ao conhecer um amigo, um namorado ou uma namorada, ou um professor que a inspire. Às vezes, essa parte do caráter demora mais tempo para se manifestar.

Também é possível que as crianças não façam perguntas verbais, mas sim não verbais em suas mentes. Há muitas crianças que não falam muito e são mais quietas, mas em quem algo é estimulado ao olhar ou ouvir algo.

É possível que, em algum momento, o maravilhamento esteja (temporariamente) em um nível mais baixo.

Por que o maravilhamento diminui? Isso é possível porque os interesses mudam para outras coisas, como o sexo oposto, a própria aparência ou um novo hobby. A primeira metade da nossa vida geralmente mostra uma mudança de foco para a vida externa, para alcançar uma posição na sociedade, encontrar um parceiro e construir uma família. Questões mais profundas, o desejo de maior compreensão, muitas vezes retornam após esse período. Quando isso acontece, varia enormemente de pessoa para pessoa. Aqui devemos ter cuidado com preconceitos. Os jovens podem temporariamente se voltar mais uns para os outros com suas perguntas do que conversar com seus pais, familiares ou professores. Além disso, os adolescentes muitas vezes se concentram no que seus 'heróis', modelos ou ídolos estão pensando e fazendo, ou podem buscar respostas online. Então parece que eles não fazem perguntas, mas eles fazem, só que aqueles ao seu redor não percebem.

O exemplo vivo

O questionador durante a palestra assume que todas as crianças fazem perguntas e que muitas delas param em algum momento. Agora sabemos que nem sempre é assim. Também sabemos que a causa para parar de fazer perguntas não é apenas ambiental, mas uma parte importante do caráter acumulado de uma pessoa.

Então, isso é uma licença para parar de incentivar essas crianças ou (jovens) adultos a se maravilharem?

Certamente que não. É nosso dever dar alimento mental a todos os nossos irmãos, jovens e mais velhos. Deixá-los pensar, para que possam fazer novas perguntas.

Como fazemos isso? Fazemos isso sendo nós mesmos o exemplo vivo. Trabalhe em conjunto para manter uma boa atitude mental, evite preconceitos, não faça suposições, mantenha a mente aberta e incentive o maravilhamento. Aja pela ação e não pelo resultado. Cumpra seu papel de forma consciente e atenta.

Através desta filosofia de vida, percebemos facilmente a natureza muito relativa do pensamento 'o que os outros vão pensar de mim se eu perguntar ou fizer isto?' Estamos todos no caminho para nos tornarmos pensadores completos e aprender uma verdade maior. A sua pergunta ou incentivo pode realmente ajudar os outros. Na verdade, é compassivo. Muitas vezes, as pessoas num grupo dizem à pessoa que se atreve a levantar uma questão importante: Eu também estava com dificuldades com essa questão!

Em suma, nunca pense que você é o único que está lutando com algo.

Acenda o fogo e mantenha-o aceso

Assim como você precisa colocar regularmente lenha no fogo, caso contrário ele se apagará, acreditamos que você precisa alimentar as perguntas e o maravilhamento de uma criança. O maravilhamento e uma natureza ativa e inquisitiva andam de mãos dadas, e isso requer respostas e perguntas estimulantes.

Por exemplo, quando você lê um conto de fadas, pode fazer perguntas à criança sobre ele. O que você acha? A Chapeuzinho Vermelho faria isso de novo da próxima vez? Por que você acha que a madrasta da Branca de Neve quer ser a mais bonita? Se você incluir essa ideia, o que isso poderia significar? Pense um pouco sobre isso. Se as respostas forem completamente redondas e/ou não deixarem espaço para aprofundamento ou investigação adicional, porque é claramente afirmado que é 'assim e não de outra forma', a criança pode aceitar essa resposta como verdadeira e não explorar mais o assunto. Além disso, com respostas como 'você é muito jovem para isso, eu não sei ou você não entende isso de qualquer maneira', não estamos ajudando a criança. Da mesma forma, quando não damos nenhuma resposta. É desastroso para a autoconfiança da criança quando se afirma constantemente que ela nunca compreenderá o mundo à sua volta.

Mas quando há uma atmosfera aberta e entusiasta em casa, falando sobre todo o tipo de coisas impessoais, isso pode facilmente despertar o maravilhamento nas crianças.

Quando os pais falam sobre a migração dos pássaros - você sabia que muitas colhereiros não migram mais para a África, mas passam o inverno aqui? - falam sobre as estrelas e os planetas como seres vivos aos quais estamos conectados ou trocam ideias sobre desenvolvimentos interessantes na sociedade, os ouvidos atentos das crianças captam muitas coisas que talvez só entendam pela metade, mas elas pensam sobre isso e isso leva a perguntas. Se os pais também questionarem uns aos outros, se complementarem no desenvolvimento de uma ideia ou ideal - nosso clima, projetos de desenvolvimento, recifes de corais, outras culturas, etc. etc. - então eles criam uma atmosfera na qual a consciência é quase naturalmente direcionada para os temas suprapessoais, levando ao maravilhamento e às perguntas. Perceba que toda resposta não é um ponto final absoluto e que sempre há mais a dizer sobre uma ideia específica.

Mantenha o maravilhamento!

Perguntas e respostas

Identidade

Estou relendo as três proposições fundamentais, agora na contracapa de *Lúcifer*, e não compreendo totalmente a terceira proposição fundamental. Isso significa uma espécie de ser idêntico à Alma Suprema universal? Você pode me ajudar?

Resposta

Não sabemos exatamente o que significa ‘uma espécie de ser idêntico’, mas podemos dizer que todas as almas não são meramente uma espécie idênticas à Alma Suprema, mas são essencialmente completamente idênticas a ela. Tentaremos explicar isso. Vamos primeiro considerar a Alma Suprema.

A Alma Suprema é o topo de uma hierarquia, a entidade mais desenvolvida nessa hierarquia. Este ser não é um deus absoluto, porque ele próprio é um aspecto da Raiz Desconhecida, ou do Princípio Sem Limites, como mencionado na primeira proposição fundamental. Existem muitas Almas Supremas, porque existem muitas hierarquias. E dentro de cada hierarquia também existem hierarquias. E dentro dessa hierarquia existe uma identidade completa de todas as almas com o topo dessa hierarquia, embora nos reinos inferiores a essência da hierarquia se expresse de forma mais limitada do que nos superiores.

A palavra ‘identidade’ deriva do latim *identitas*, que significa ‘o mesmo’ ou ‘igualdade’ ou ‘semelhança completa’. No entanto, no uso atual, adquiriu um segundo significado. A identidade de uma pessoa refere-se às suas características típicas. Temos um documento de identidade, que contém

nosso nome, data de nascimento e foto. Às vezes, é até usado para significar ‘personalidade’. Mas quando H.P. Blavatsky usa a palavra inglesa ‘identity’, ela a usa em seu sentido original em latim. Portanto, todas as almas são iguais à Alma Suprema. Como podemos entender isso?

H.P. Blavatsky nos dá uma chave importante para compreender esse mistério, pelo menos até certo ponto. Essas almas são uma manifestação das mônadas.⁽¹⁾ As mônadas são centros de consciência ilimitada. Não existem duas infinitudes. Portanto, se cada mônada é um ponto matemático de consciência – cuja circunferência não está em lugar algum e cujo centro está em toda parte – então ela deve ser completamente idêntica a qualquer outra mônada.⁽²⁾ E porque o núcleo de cada ser, do átomo ao sol, é uma mônada, todas as ‘almas’ em uma hierarquia, como são chamadas na terceira proposição fundamental, são essencialmente idênticas entre si e idênticas à Alma Suprema. A identidade fundamental não significa, entretanto, que todas essas almas sejam iguais. As almas são seres manifestos e, por definição, diferem umas das outras. Cada alma é composta. Ela consiste em diferentes mônadas que juntas formam essa alma.

As almas estão sujeitas ao desenvolvimento. Elas diferem em sua forma de expressão. No entanto, as diferenças não são essenciais, porque em sua essência elas são uma mônada: essencialmente consciência ilimitada. É por isso que a terceira proposição fundamental fala de identidade fundamental. Em outras palavras, em essência, no âmago de seu ser, as almas

são idênticas à Alma Suprema.

A Alma Suprema é a entidade mais desenvolvida em uma hierarquia. Ela é essa hierarquia. É o ser supremo que, em um processo de emanção, criou um campo magnético a partir de si mesmo, no qual inúmeros outros seres podem se manifestar. Ela entrou em cooperação com esses seres inferiores.

A diferença entre todos esses seres reside no seu grau de desenvolvimento. Eles desenvolveram muitas ou ainda poucas habilidades, poderes e qualidades a partir da mônada interior? Não há dois seres que expressem a mônada que são exatamente da mesma maneira. É por isso que o mundo exterior é caracterizado pela diversidade, enquanto seu fundo é a unidade essencial.

A Alma Suprema é tanto a Fonte mais profunda quanto o objetivo ou destino final de todas as almas dentro de sua esfera de influência.

Cada hierarquia da vida é uma escola cósmica, na qual todos os ‘alunos’ passam por muitas classes que, em última instância, conduzem ao mais elevado: o nível da Alma Suprema. A influência que a Alma Suprema exerce sobre todos eles é um estímulo constante para que desenvolvam dentro de si mesmos – a partir de sua própria mônada – a mesma sabedoria, conhecimento e habilidades que a Alma Suprema já desenvolveu.

A segunda parte da terceira proposição fundamental, que discute a peregrinação obrigatória para todas as almas, mostra que todos os seres dentro de uma hierarquia podem, em última instância, desenvolver-se a tal ponto que se tornam um com a Alma Suprema, que é, na verdade, o seu EU mais profundo.

A propósito, esta terceira proposição fundamental contém uma sabedoria muito mais profunda. Quanto mais se pensa nela, mais possibilidades de consciência se tornam evidentes.

Referências:

1. Ver: H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, p. 16 (paginação original da edição inglês), nota de rodapé sobre 'o Peregrino'.
2. Ver: Barend Voorham, *O Mistério da Mônada*, artigo em *Lúcifer, o Portador da Luz*, n.º 1, março de 2025.

Plantas domésticas

Qual é a visão da Teosofia sobre plantas ornamentais e flores na sala de estar?

Resposta

Existem dois princípios teosóficos importantes: respeitar toda a vida e respeitar o livre arbítrio.

Se quisermos aplicar esses princípios às plantas, devemos reconhecer que não foi 'escolha' da planta passar sua vida como consciência vegetal em um vaso no parapeito de uma janela em uma sala fechada. É razoável perguntar se estamos impedindo seu crescimento evolutivo ao removê-la de seu ambiente natural. Afinal, ela não entrou em nossa casa por conta própria. Os seres humanos tiraram essa planta da natureza e a especializaram e cultivaram para que pudesse crescer dentro de casa. Além disso, as plantas domésticas que você compra em uma loja de plantas – e especialmente as flores – são frequentemente cultivadas com muitos pesticidas tóxicos, que prejudicam o meio ambiente e também são prejudiciais à saúde humana.

Com base na Teosofia, você poderia, portanto, argumentar contra ter plantas e flores em casa.

Mas, como mencionado acima, cada pessoa tem livre arbítrio e pode tirar

suas próprias conclusões. Sabemos que muitas pessoas amam muito suas plantas e flores. Algumas pessoas vivem em relativo isolamento e dedicam-se de corpo e alma aos cuidados de seus amigos verdes.

Embora ter plantas domésticas signifique que não estamos cooperando com a natureza em certo sentido, existem maneiras muito mais graves de violar a natureza. Se trocássemos os pensamentos egoístas e os desejos pessoais que muitos de nós ainda temos por pensamentos altruístas e compassivos, estaríamos muito mais em sintonia com as leis da Natureza do que se nos livrássemos de nossas plantas domésticas e continuássemos a pensar egoisticamente.

Em suma, devemos tirar as nossas próprias conclusões e respeitar as dos outros. O karma é a 'doutrina do livre arbítrio', não há fatalismo nele: determinamos de forma independente e contínua quais novas causas criamos, quais novas sementes semeamos – e, mais cedo ou mais tarde, experimentaremos a 'colheita', os efeitos das nossas ações, no nosso caminho de vida: positivos, neutros ou negativos.

Expandir sua consciência

Existem exercícios práticos para expandir sua consciência?

Resposta

Conhecemos um exercício muito prático: praticar a compaixão.

Esta resposta pode ser um pouco decepcionante. Algumas pessoas fazem essa pergunta porque esperam que lhes ensinemos uma técnica especial. Mas a maneira mais prática de expandir sua consciência é aplicar a compaixão, a caridade sábia, na vida cotidiana. Em outras palavras: deixe que seu motivo mais elevado seja servir ao todo, sustentar o

bem-estar de tudo o que vive, em tudo o que você pensa e faz. Essa é a meditação prática.

Tente praticar isso por um dia. Isso significa que você não defende a si mesmo, mas a todos ao seu redor; a um colega, por exemplo. Pratique a justiça durante esse dia. Compaixão e justiça parecem conceitos grandes, mas estão muito próximos de nós. Por um dia, você não se defende, mas se esquece de si mesmo, enquanto cumpre seus deveres para com todos.

Você provavelmente experimentará um forte campo de tensão. Isso é causado pela consciência limitada e pessoal que está sempre em ação e reivindicando seu suposto lugar.

Por outro lado, existe sua consciência ampla e mais universal. Se você permitir que esta última prevaleça, você expande sua consciência.

Pergunta

Isso é realmente uma questão de concentração?

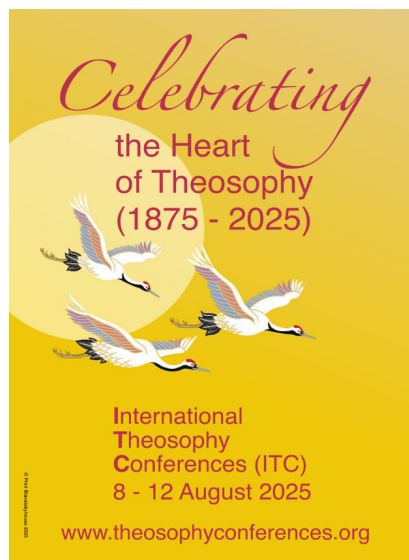
Resposta

Sim, é. Você deve se concentrar nas características superiores dentro de você. E você não deve fazer isso de forma forçada. Você não precisa ficar com rugas na testa, por assim dizer. Não, faça isso de forma tranquila, natural e paciente.

Você viverá então nas partes superiores de si mesmo. Essas partes universais já estão ativas em você, em os níveis delas: você só precisa aprender a viver nesses aspectos superiores. Ou seja, você deve aprender a sintonizar seus pensamentos com eles. E isso é uma questão de prática.

Se você falhar em alguns aspectos, tente novamente no dia seguinte. Fazendo isso, podemos realizar muito em pouco tempo.

Agenda



Celebrando a Teosofia



Em comemoração ao 150º aniversário do Movimento Teosófico moderno, foi compilado um livro com artigos dos primeiros Instrutores, como H.P. Blavatsky, Henri Steel Olcott e W.Q. Judge, bem como contribuições de várias organizações teosóficas, como a Sociedade Teosófica Adyar, a Sociedade Teosófica Point Loma e a Loja Unida dos Teosofistas. Se quiser encomendar o livro, entre em contato com Editora Teosófica em Brasília.

➡ WhatsApp: <https://wa.me/message/S5DU2JEQYX3OK1>

International Theosophy Conference (ITC) 2025

Celebrando o Coração da Teosofia (1875 - 2025)

De sexta-feira, 8 de agosto, a terça-feira, 12 de agosto

Em 1875, há 150 anos, o Movimento Teosófico moderno foi fundado em Nova York. Foi um novo impulso para a Theosophia, a Sabedoria Universal, que remonta à noite dos tempos. Este evento alegre foi a razão pela qual a ITC escolheu este tema para sua conferência anual. Que pensamentos H.P. Blavatsky e seus sucessores gradualmente trouxeram ao mundo e com que propósito? E que influência tiveram até agora? E, acima de tudo, o que esses pensamentos podem significar para o nosso futuro, que estamos construindo agora? Essas questões são de grande importância para o movimento teosófico presente e futuro. Como o tema é muito amplo, decidiu-se que a conferência durará um dia a mais do que o habitual. A conferência será realizada online com o Zoom. Ela oferece uma grande variedade de palestras e workshops e será realizada simultaneamente em inglês, português e espanhol.

Programa

- **8 de agosto:** Celebrando o Coração da Theosophia – Continuando o Impulso de H.P. Blavatsky
- **9 de agosto:** Rastreado a Corrente Mahátmica antes de H.P. Blavatsky
- **10 de agosto:** H.P. Blavatsky – O Mensageiro e a Mensagem – ISIS, religião e filosofia
- **11 de agosto:** H.P. Blavatsky – O Mensageiro e a Mensagem: *A Doutrina Secreta em, A ciência e o futuro*
- **12 de agosto:** O Futuro da Teosofia e da Humanidade

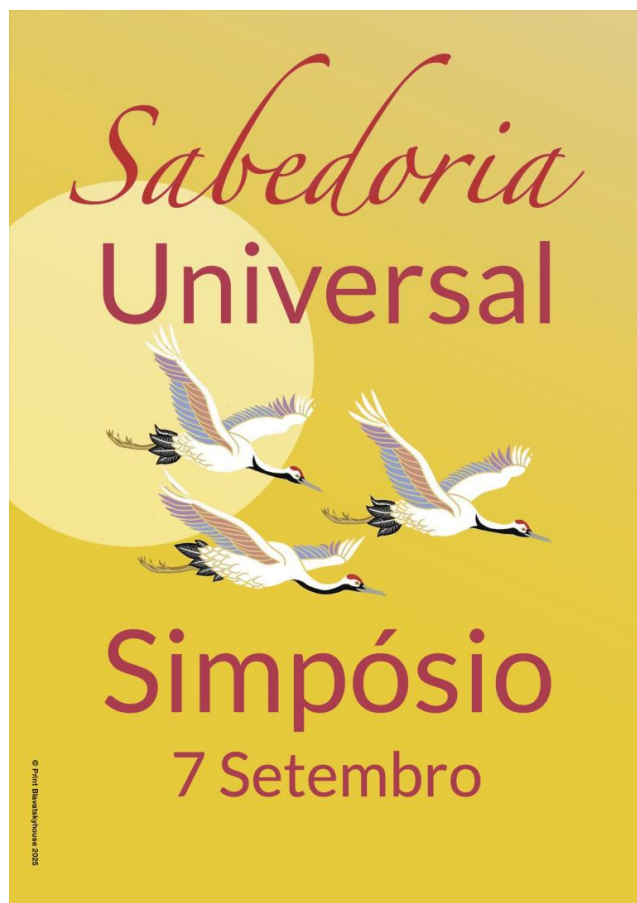
Inscrição

Para ver o programa completo ou para se registrar, visite o site: www.theosophyconferences.org

Simpósio Sabedoria Universal

A Sociedade Teosófica de Point Loma está organizando um simpósio em Lisboa no dia 7 de setembro

- » Turim Hotel,
Avenida 5 de Outubro 160, 1050-062, Lisboa
- » A entrada é gratuita.



- 10:00 Uma visão universal da sua vida
- 10:45 Intervalo
- 11:00 Encontre você mesmo as sete facetas das Verdades Karma e reencarnação
- 11:45 Workshop
- 12:45 Intervalo para almoço
- 13:45 Encontre você mesmo as sete facetas das Verdades O significado da vida
- 14:30 Intervalo
- 14:45 Workshop
- 16:00 bate-papo informal

Para obter mais informações:

<https://blavatskyhouse.org/news/simposio-sabedoria-universal-7-setembro-lisboa-portugal/>

Se você quer garantir sua vaga, inscreva-se através do seguinte endereço de e-mail: info@blavatskyhouse.org

Também pode entrar em contato conosco através deste endereço de e-mail se tiver alguma dúvida ou quiser mais informações.



Lúcifer®

Cólofon

Editores:

Barend Voorham, Henk Bezemer,
Rob Goor, Nico Ouwenhand, Erwin Bomas,
Bouke van den Noort.

Editor-chefe: Herman C. Vermeulen

Sede editorial: De Ruijterstraat 72-74, 2518
AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

Mensagens do leitor:

A direção editorial reserva-se ao direito de
fazer uma seleção e/ou de resumir as
mensagens recebidas

Subscrições:

Esta tradução para português foi feita a
partir do 22.o número gratuito da versão
inglesa de Lúcifer, o Portador da Luz. Para
subscrições: enviar mensagem para a sede
editorial: luciferred@stichtingisis.org.
Tarifas a pedido.

Editores:

I.S.I.S. Foundation, Blavatskyhouse,
De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45,
e-mail: luciferred@isis-foundation.org
internet: www.blavatskyhouse.org

© I.S.I.S. Foundation

Nenhuma parte desta publicação pode ser
reproduzida ou tornada pública por
qualquer forma ou meios: eletrônica,
mecânica, por fotocópias, gravações, ou de
outra forma, sem permissão anterior da
Editora.

Fundação I.S.I.S.

O nome da Fundação [Stichting, em holandês]
é “Stichting International Study-centre for
Independent Search for truth”. A sua sede é
em Haia, nos Países Baixos.

O objetivo da Fundação é formar um núcleo de
Fraternidade Universal, através da
disseminação do conhecimento sobre a
estrutura espiritual do ser humano e do
cosmos, livre de dogmas.

A Fundação visa concretizar
este objetivo através de cursos, organizando
palestras públicas, publicando livros, brochuras
e outras publicações, e recorrendo a todos os
recursos disponíveis com vista a este fim.
A Fundação I.S.I.S. é uma organização sem fins
lucrativos, reconhecido como o tal pela
autoridade tributária dos Países Baixos. Para
fins fiscais, a Fundação I.S.I.S. tem o que se
chama de estatuto ANBI. ANBI significa
Organização para o Benefício Geral (Algemeen
Nut Beogende Instelling).

Os requisitos mais importantes para obter o
estatuto ANBI são:

É uma organização sem fins lucrativos,
portanto não tem rendimentos. Quaisquer
lucros que resultem da venda de livros, devem
ser totalmente utilizados para atividades gerais
de beneficência. Para a Fundação I.S.I.S., isto
significa espalhar a Teosofia. (Ver o estatuto,
objetivos e princípios para mais informação.)

Os membros da Direção devem preencher
requisitos de integridade.

O ANBI deve ter uma propriedade separada,
pelo que um diretor ou decisor não pode
tomar decisões sobre esta propriedade como
se fosse sua.

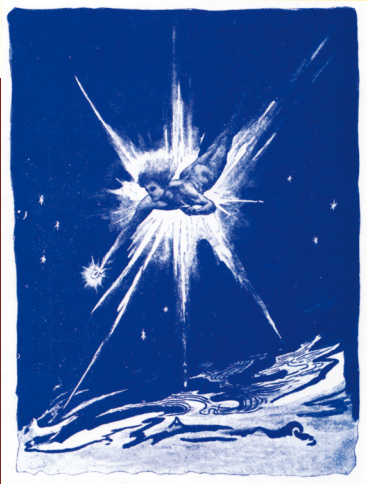
A remuneração dos membros da direção
apenas pode consistir de um reembolso de
despesas e assistência. O número ANBI da
Fundação I.S.I.S. É o 50872.



Fundação I.S.I.S.

As atividades da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for Truth) baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um facto na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbítrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspectiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento da própria perspectiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer, literalmente significa Portador da Luz.

Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem os seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.

Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos.

É para estas pessoas que esta revista é escrita.

“... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com ideias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton . .. Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para factos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os factos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspeto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes...”

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887).